

URI – UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES – CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA

**REMINISCÊNCIAS... A TRADIÇÃO ORAL ATRAVÉS DE
NARRATIVAS DE VIDA PRESENTES NO OESTE DE SANTA
CATARINA**

FABIANE CRY S BARBIERO

FREDERICO WESTPHALEN
2015

FABIANE CRY S BARBIERO

**REMINISCÊNCIAS... A TRADIÇÃO ORAL ATRAVÉS DE NARRATIVAS DE
VIDA PRESENTES NO OESTE DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras / Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen/ Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Literatura, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Breno Antonio Sponchiado

**FREDERICO WESTPHALEN
2015**

FABIANE CRY S BARBIERO

**REMINISCÊNCIAS... A TRADIÇÃO ORAL ATRAVÉS DE NARRATIVAS DE
VIDA PRESENTES NO OESTE DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras / Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen/ Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Literatura, História e Memória.

Aprovada em: 19 de Março de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Breno Antonio Sponchiado
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões
Campus Frederico Westphalen (URI/FW)
- Presidente –

Prof. Dra. Luana Teixeira Porto
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões
Campus Frederico Westphalen (URI/FW)

Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM)

*A Deus, pela vitória alcançada.
Aos meus pais, pelo enorme carinho
e incentivo ao meu trabalho.
Ao meu filho, pela compreensão.
Ao meu marido, pela atenção.*

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, professor Doutor Breno Antonio Sponchiado, por todo apoio, dedicação e enorme comprometimento que teve desde o início deste trabalho. Pela paciência interminável, pela serenidade inconfundível, pelo incentivo constante, pelo carinho com que sempre me tratou, por toda ajuda intelectual prestada em todas as horas que eu precisei de seu auxílio, pela enorme e indispensável colaboração para que este trabalho se tornasse realidade.

À professora Doutora Luana Teixeira Porto, pela imensa ajuda e pela excelente ideia dada para o meu projeto, a qual me permitiu ganhar a bolsa de estudos. Pelo carinho e principalmente pela paciência em todas as horas. Pelo conforto, pelas palavras amigas e necessárias sempre que foram precisas.

Aos professores do PPGL, essenciais para que eu chegasse até aqui.

Às colegas do Mestrado, pelo companheirismo, carinho, amizade, dedicação, compreensão, paciência, colaboração, ajuda e incentivo.

Ao FUMDES, pela bolsa de estudos.

Aos meus pais Leonecir e Rosângela, e a meu irmão Paulo, pelo imenso carinho, apoio e compreensão dedicados a mim, não somente nos anos do mestrado, mas por toda minha vida, claro que, principalmente na fase da dissertação.

Ao meu filho, Eike, por toda paciência e principalmente pela atenção que deixei de lhe proporcionar na fase da escrita da dissertação.

Ao meu marido Hélio, pela compreensão e carinho sempre.

A todos os que, de uma forma ou de outra, colaboraram para o término desta dissertação, pelos gestos de carinho, de incentivo, de compreensão, de paciência, de apoio e de amizade.

E, acima de tudo, a Deus, por estar sempre iluminando meu caminho, fazendo com que assim eu alcançasse mais um objetivo em minha vida.

“A vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas aquilo
que recorda e a maneira como o recorda”.
Gabriel Garcia Marquez

RESUMO

BARBIERO, Fabiane Crys. **Reminiscências... A tradição oral através de narrativas de vida presentes no Oeste de Santa Catarina**. 2014. 84f. Dissertação (Mestrado) – Frederico Westphalen – RS. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus de Frederico Westphalen, 2014.

O presente trabalho procura contribuir para o fortalecimento da memória individual e coletiva de moradores do Extremo Oeste de Santa Catarina, proporcionando, assim, a contação de histórias, transmitidas de geração para geração, relevando a importância deste hábito. Essas reminiscências se encontram, quase que exclusivamente, em regiões interioranas, principalmente na memória de pessoas mais velhas, detentoras de sabedorias de vida. Identificamo-nos com a linha de pesquisa: Literatura, História e Memória, para que assim, pudéssemos realizar uma pesquisa detalhada sobre tradição oral e sua relação com a literatura oral e memória individual e coletiva no primeiro capítulo. Já no segundo, trata-se do contexto histórico-cultural dos oito municípios abrangentes da 29ª Secretaria de Desenvolvimento Regional: Águas de Chapecó, Caibi, Cunha Porã, Cunhataí, Mondai, Palmitos, Riqueza e São Carlos, onde foram recolhidas as histórias de vida que são analisadas no terceiro capítulo, destacando os pontos convergentes e suas peculiaridades, para realizar este trabalho escolhemos a metodologia de pesquisa de campo e também de referencial teórico para o embasamento de nossas histórias. Conclui-se que o hábito de contar histórias está perdendo espaço nas comunidades, em grande parte por força da generalização da tecnologia e pelas consequentes mudanças no comportamento das famílias. Percebe-se que há uma desmemória para com a tradição oral, as pessoas ouvidas não lembram mais dos fatos acontecidos há muitos anos. A constante utilização das ferramentas tecnológicas está fazendo com que a memória das pessoas se perca. No entanto, o papel da contação de histórias é importante na construção da memória cultural da literatura oral da região.

Palavras-chave: Tradição oral. Memória. Literatura. Histórias de vida.

ABSTRACT

This paper seeks to contribute to the strengthening of individual and collective memory of residents in western of Santa Catarina, provide thus to storytelling transmitted from generation to generation, pointing to the importance of this habit. These reminiscences are, almost exclusively, in inland regions, especially in the memory of older people, holding wisdoms of life. We identify with the research line: Literature, History and Memory, so that, we can perform a detailed search on oral tradition and its relation with the oral literature and individual and collective memory in the first chapter. In the second, it is the historical and cultural context of the eight municipalities of 29th Secretaria de Desenvolvimento Regional: Águas de Chapecó, Caibi, Riqueza, Cunhataí, Mondai and Palmitos, where were collected the life stories that are analyzed in the third chapter, highlighting the convergent points and its peculiarities, to carry out this work we chose the field research methodology and theoretical to the basement of our stories. It is concluded that the habit of storytelling is losing ground in the communities, largely as a result of the generalization of technology and the resulting changes in the behavior of households. It is noticed that there is forgetfulness for with oral tradition; the people heard don't remember more the facts occurred many years ago. The constant use of technological tools is causing people's memories get lost. However, the role of storytelling is important in the construction of cultural memory of oral literature region.

Key-words: Oral Tradition. Memory. Literature. Life stories.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ORALIDADE, LITERATURA E MEMÓRIA	14
2.1	Tradição Oral e Literatura Oral	15
2.2	A necessidade da memória na Literatura Oral	22
3	A HISTORIOGRAFIA DA FORMAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL DO OESTE DE SANTA CATARINA	30
3.1	Caminho das Águas: A história de Águas de Chapecó	36
3.2	São Domingos: Memórias e histórias da cidade de Caibi	38
3.3	Cunhaporá: A história de uma cidade - Cunha Porã	42
3.4	Cunhataí: de distrito à cidade	44
3.5	A colonização às margens do Rio Uruguai: Mondai	46
3.6	Entre Cascalho e Passarinhos: Palmitos	49
3.7	A terra das matas de mel: Iracema. Riqueza	53
3.8	O Porto dos Cantadores: São Carlos	56
4	ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA: OS PERCALÇOS DA COLONIZAÇÃO	60
4.1	A vida como ela era	62
4.2	Divertimento? Pouco. Trabalho? Muito. Extravagâncias? Raridade	63
4.3	A educação	69
4.4	“Causos” e mais “causos”: A perda deste costume	70
4.5	Tecnologia: choque de dois mundos?	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	80
	ANEXOS	83

1 INTRODUÇÃO

De alguns anos para cá, têm se desenvolvido muitas pesquisas relacionadas à tradição oral. O interesse em desenvolver trabalhos acadêmicos sobre esse tema abrange pesquisadores de áreas diversas, como linguistas, sociólogos, antropólogos, etc. Enfim, é possível observar que há, nos dias atuais, um maior interesse nesta temática que estava um tanto quanto esquecida, talvez por ser uma tradição interiorana ou, ainda, pela desvalorização da oralidade como tema, outro detalhe a ser observado é a questão das Letras, parece-nos que, a tradição da escrita ignora a tradição oral. Portanto, essa dissertação abrange esta temática, muito relevante, e temos consciência disso.

O presente trabalho é fruto de um projeto desenvolvido com o intuito de aprofundar os estudos à cerca da tradição oral na região Oeste de Santa Catarina, respectivamente, nos oito municípios que abrangem a 29ª SDR de Palmitos (Secretaria de Desenvolvimento Regional). O projeto rendeu uma bolsa de estudos financiada pelo FUMDES 2012 (Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior). Para concorrer esta bolsa, foi preciso desenvolver um projeto que abrangesse a Secretaria de Desenvolvimento Regional a qual pertencemos, feito isso, o projeto foi selecionado dentre muitos inscritos em todo estado de Santa Catarina.

Esta dissertação tem como objetivo geral estudar a tradição oral através de histórias de vida, relatadas na comunidade de origem italiana e alemã dos oito municípios que abrangem a 29ª SDR: Águas de Chapecó, Caibi, Cunhataí, Mondaí, Palmitos, Riqueza e São Carlos.

Os específicos foram: analisar as diversas histórias de vida, relatadas, procurando identificar as principais temáticas, semelhanças e diferenças entre as narrativas; estimular a cultura histórica da região oeste catarinense através da contação de histórias, mesmo com as tecnologias estando em ascensão e, entender o porquê dessas histórias estarem sendo deixadas de lado pelo povo, discutindo a permanência da tradição de contação de histórias na região e a importância das narrativas para a preservação da memória individual e coletiva da sociedade regional.

Como objeto de análise, a tradição oral tem sido considerada pelos estudiosos das mais distintas áreas (historiadores, antropólogos, professores, enfim, pesquisadores de um modo em geral) como uma preservação de histórias, mitos, folclore, danças, canções, trava-línguas, lendas, etc., ou seja, a tradição oral vai muito além da “cultura” e da memória das pessoas. Essa tradição vem desde os tempos mais remotos, quando os povos antigos, há séculos, utilizavam-se de narrativas orais para contar histórias, pois, como na época não havia opções de divertimentos a serem realizadas pelas pessoas, principalmente para aqueles que residiam em cidades do interior ou em comunidades mais pobres... As pessoas aproveitavam o tempo livre para se reunir e conversar, a princípio, nas noites de lua ao redor de fogueiras; depois, em serões de casa em casa, onde contavam histórias de bichos, lendas ou mitos. Essas histórias eram transmitidas de geração em geração, com a finalidade de manter viva aquela tradição.

Infelizmente, no mundo em que vivemos hoje, o ato de contar histórias praticamente não existe mais ou acontece de forma bastante esporádica. Os pais não têm mais tempo de contar ou de ler para seus filhos, e os filhos preferem utilizar *tablets*, *smartphones* ou outros tantos e variados equipamentos de tecnologia existentes na atualmente. Os adolescentes parecem viver curtindo as redes sociais, sem o menor interesse em estar com seus avós que poderiam, por exemplo, contar-lhes muitas histórias, principalmente as histórias de suas vidas que são, de certa forma, a história da vida deles. Nossa pesquisa se baseia nos pressupostos de que há uma necessidade de resgatar a tradição oral através de histórias de vida, pois, além de ser muito importante para as futuras gerações, ela ensina saberes através da memória das próprias pessoas.

Doutra parte, na região Oeste catarinense, local onde resido, vê-se que essa tradição oral não se destina apenas ao público infantil, mas também ao povo adulto. Durante a semana eram frequentes os encontros chamados de “serões” ou “filós”, divididos entre diferentes públicos. Sabendo que essa prática está desaparecendo, busca-se, neste trabalho, verificar tanto o seu significado como fenômeno social quanto a atual presença das memórias que produz e suas principais temáticas.

Realizado através de uma pesquisa de campo e de pesquisa bibliográfica. Sendo que na primeira etapa, foram realizadas entrevistas com homens e mulheres de idade superior a 60 anos e de etnias italianas e germânicas, na cidade e no interior. As falas foram gravadas com autorização expressa dos entrevistados¹ e, posteriormente, transcritas por nós. Na pesquisa bibliográfica, selecionamos alguns estudiosos renomados para complementar nossas falas e também para nos embasar com a teoria necessária para nosso trabalho. A teoria refere-se à tradição e literatura oral e memória individual e coletiva. Nossa linha de pesquisa no Mestrado é Literatura, História e Memória, nos encaixamos nesta área, por se tratar de uma pesquisa histórica enfatizando a memória das pessoas entrevistadas.

Quanto à estrutura, nós o dividimos da seguinte forma: O primeiro capítulo é dedicado ao aporte teórico sobre a tradição oral, a literatura oral, a memória individual e a memória coletiva. No segundo, apresentamos uma contextualização histórica cultural da região oeste de Santa Catarina, seguida de uma breve apresentação do perfil dos municípios. No terceiro capítulo, analisamos algumas histórias de vida recolhidas, verificando as convergências e as peculiaridades entre si. Por fim, apresentamos nossas conclusões e as referências utilizadas no trabalho, além dos anexos necessários para seu desenvolvimento.

¹ Uma cópia da dissertação final será entregue para cada entrevistado, assim como, será enviada uma para cada município e uma para o FUMDES.

2 ORALIDADE, LITERATURA E MEMÓRIA.

Oralidade, memória e literatura são temas com grandes afinidades. A oralidade possui uma vasta extensão no mundo todo; afinal de contas, precisamos dela para que possamos nos comunicar. Com certeza, não viveríamos sem a fala nos dias atuais, ou seja, se não fosse possível conversar com ninguém nem dialogar sobre algo, a sociedade não teria se desenvolvido e nada seríamos. A língua e a fala são extremamente necessárias para nossa sobrevivência no mundo, mesmo as pessoas privadas de fala, ou seja, as que não emitem som desenvolvem algum tipo de comunicação, usando a língua para se comunicar, como acontece com o uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Para nós, isso é a prova de que seria muito mais difícil nos comunicarmos sem o uso da língua.

Outro fato a ser considerado diz respeito à questão da memória: o que somos sem ela? Mesmo que tenhamos perdido muito de nossa memória, vivemos por causa dela e precisamos nos manter em contato com aquilo que foi, que é, e que será a razão de nossa existência. Exemplo disso é que tudo o que somos hoje teve um começo com nossos antepassados e, se sabemos o que aconteceu antes, é porque alguém nos contou. Ninguém vive sem saber de onde veio, como veio, e por que veio; então, podemos afirmar que, a memória faz sim parte de nossa existência, é ela que nos conduziu, conduz e nos conduzirá até o último de nossos dias.

Já a literatura não é tão importante para um grande número de pessoas. Na verdade, não é interessante para muitas pessoas, pois, com toda a tecnologia existente nos dias de hoje, ler é uma ação em declínio, as pessoas preferem fazer qualquer outra atividade a ler uma obra. Infelizmente, a tecnologia não tem trazido somente inovações benéficas para a vida das pessoas.

Afinal de contas, o título desse nosso primeiro capítulo é muito pertinente, pois os três vocábulos que possuem uma ligação entre si. Oralidade, literatura e memória são à base de nosso trabalho, estes conceitos são como uma família, ou seja, possuem um grande contato.

2.1 Tradição Oral e Literatura Oral

Desde os tempos mais remotos, o ato de contar histórias era praticado, principalmente, pela classe mais baixa da sociedade, pois os ricos frequentavam escolas particulares, possuíam livros e usufruíam a mais alta cultura, enquanto a plebe mal tinha dinheiro para realizar as três refeições diárias. Essas pessoas, então, reuniam-se para contar histórias que eram passadas de geração para geração.

Para Patrini (2005), contar história é uma atividade mnemônica, e a reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração. Os mais velhos contavam para os mais jovens, e, assim, esse emaranhado de histórias cada vez mais abrangia um número maior de pessoas, dando origem assim à tradição oral.

De acordo com Parafita (2005, p. 30), a tradição oral:

[...] é a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, cancioneros, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural.

Quem estuda a tradição oral adquire um conhecimento de grande dimensão, pois esta temática possui um grande leque de ensinamentos. Na tradição escrita, que é embasada em textos diversificados, o estudioso pode trabalhar com um leque muito grande: gênero, número, grau, classes gramaticais... Mesmo que muitos desses podem ser desconsiderados, dependendo da análise. Entretanto, Por ser uma temática que se encontra o material todo pronto, os estudiosos atuais estão fazendo com que a tradição oral não tenha seu devido destaque, ou que se aproxime do uso da linguagem escrita. Na tradição oral, tudo o que o narrador disser deve ser considerado de suma importância.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas (VANSINA, 1981).

A tradição oral é um patrimônio histórico e cultural que deve ser mantido pelas pessoas; pois, assim como o conhecimento adquirido, não pode ser roubado. As lembranças guardadas nas memórias das pessoas jamais deveriam ser apagadas, e, para que haja preservação dessa memória, é preciso que exista um compartilhamento das lembranças que a compõem. Assim como era no princípio e com os antigos, as histórias mantidas em nossas memórias devem ser socializadas, pois, quanto maior o número de pessoas que as aprendam, menor será o esquecimento completo daquilo que vivenciamos.

Para Halbwachs (2006), quanto mais pessoas dividirem conosco nossas memórias, mais difícil será o esquecimento, pois sempre haverá alguém que vai falar sobre o que aconteceu, e isso acontece pelo fato de que nunca estamos sós. Para o autor, “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p.171). Por esse motivo, podemos acreditar que o povo não letrado, há muitos anos, não tinha grandes problemas com o esquecimento ou com a perda da memória. Aconteciam reuniões com muita frequência, e nelas as histórias eram relembradas e, sendo assim, quanto mais as histórias eram presenciadas, mais ficavam marcadas e registradas nas lembranças das pessoas envolvidas.

De acordo com o dicionário Aurélio, Tradição significa: “1. Ato de transmitir ou entregar. 2. Transmissão oral de lendas, mitos, fatos, etc., de idade em idade, de geração em geração. 3. Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados” (FERREIRA, 2008, p. 784). Assim, sabemos que a tradição oral se norteia no ato de transmitir oralmente informações, dados, conhecimentos, principalmente conhecimentos culturais,

de forma que hoje há grande perda, pois as pessoas estão abandonando o ato de conversar, ou melhor, de contar. De acordo com Caruso (2005, grifos nossos):

A importância social da narrativa oral, cujas finalidades variam de acordo com as circunstâncias, gerou muitas maneiras de contar uma história. Isso criou vários gêneros de narrativas como o conto (popular, maravilhoso, de fadas), as fábulas, os apólogos, as parábolas, as lendas e os mitos.

Na tradição oral brasileira, esses contos praticamente já não existem mais em grandes cidades, estão extintos. A contação de histórias é uma prática que pode, ainda, ser encontrada em pequenas comunidades do interior, onde, normalmente, após o jantar, organizam-se as chamadas “rodas” de conversa. Geralmente, isso acontece quando alguém vai passear na casa da outra pessoa, pois é o visitante que conta um “causo”².

O conto oral, no entanto, não possui uma autoria própria, pois cada um conta a sua versão de uma forma, alterando e modificando quando for necessário, e assim vai passando para outras pessoas. É daí que vem o dito popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Essa tradição oral é impressionante, pois os seus contos não se perdem com o passar do tempo. Pelo contrário, eles atravessam fronteiras sendo vivenciados por grupos étnicos diferentes.

Claro que devemos levar em consideração que os nossos contos de hoje não são os mesmos que foram contados há tempos atrás; porém, alguns ainda existem mesmo com alterações se compararmos com os de anos. Com o uso da escrita, houve algumas modificações necessárias nos contos e nas histórias de modo geral, pois na linguagem escrita não podemos ver as mímicas, as danças, os movimentos corporais que eram feitos na época em que eram contados. Podemos imaginá-los, mas nem a melhor imaginação do mundo será capaz de vivenciar aqueles momentos que se eternizaram na memória das pessoas que estavam presentes naquele ato.

Quanto à trajetória do conto popular, podemos ver que o seu verdadeiro entusiasmo surgiu em meados do século XVII. No ano de 1697, Charles

²Expressão utilizada para se referir a uma pequena história contada oralmente.

Perrault publicou a primeira coleção de contos populares franceses, que incluía histórias tão conhecidas como “A Gata Borralheira”, “O Chapeuzinho Vermelho” e “O Gato das Botas”. Houve um grande interesse por essa literatura popular nesse período, enfatizando-se no século XIX com os trabalhos dos irmãos Grimm, na Alemanha, dedicados especialmente às crianças, abordando os temas mágicos e maravilhosos, que resultaram em uma coleção de contos de fadas. Os irmãos Grimm deram um grande valor para as tradições orais e aos contos populares, e abordaram em suas obras elementos como a ironia, o drama, o uso de objetos inanimados, fadas/ bruxas, magia que contribuíram para a conservação da cultura popular.

No Brasil, também temos alguns escritores esporádicos que se dedicam ao estudo da cultura e da memória popular. Entre eles, podemos ressaltar Câmara Cascudo, Silvio Romero³ e Lindolfo Gomes⁴. Mesmo sabendo que a maioria dos contos populares do Brasil vieram da Europa, outros da América, da África e alguns de origem indígenas, aqui, no Brasil, eles tiveram algumas variações. Câmara Cascudo, em algumas de suas publicações em livros, fez o mesmo trabalho que queremos desenvolver neste projeto, que é o método da pesquisa de campo para recolhimento de dados e, posteriormente, a transcrição das histórias narradas e gravadas em áudio.

Sabemos também que o conto popular possui algumas características, são elas: a antiguidade, o anonimato de autoria, a capacidade de persistir no tempo e o processo de divulgação.

No que diz respeito à capacidade de persistir no tempo, é por causa da linguagem em que estes contos foram codificados, ou seja, esta linguagem de natureza simbólica tem a capacidade de se projetar no tempo e no espaço e de ser a mesma em épocas e culturas diferentes. Portanto, o conto popular, que vem da tradição oral, pode ser contado e ouvido em qualquer época e em qualquer lugar do mundo. A última característica corresponde ao modo de transmissão, ou seja, o modo como esses contos são divulgados. Eles podem

³ Silvio Romero, natural de Sergipe, escritor de muitas obras relacionadas à tradição oral, sendo a mais famosa: “Contos Populares do Brasil”, 1885.

⁴ Lindolfo Gomes, natural de São Paulo, escreveu “Contos Populares Brasileiros”, 1931.

ser contados ou cantados, passando de geração para geração, mostrando que a força da linguagem oral possui uma incrível capacidade de sedução.

De acordo com os estudos de Leal (1985, p. 53), há diferença entre mito e conto popular. Para ele, o mito deve ser inserido no contexto folclórico, e o que o difere em relação ao conto popular é que o mito é uma história sobrenatural, e o conto popular não. Leal (1985, p. 53) afirma que o mito “é uma narrativa que possui um herói divino. Por ser um deus ele aglutina em si todas as forças do maravilhoso”; enquanto o conto popular, “por se tratar de herói humano, a força do maravilhoso será substituída pela habilidade, pela manhã, pelo engenho do herói”.

O conto popular nem sempre é uma história verdadeira, mas é constantemente uma história maravilhosa. Ele faz reflexões sobre situações sociais e é destituído de sabedoria. Quanto ao mito, trata-se de uma narrativa sagrada que tem como personagens elementos sobrenatural e procura estabelecer perguntas e respostas entre o homem e o universo.

Muitas vezes, no conto popular, há a presença de um elemento fantástico: a narrativa deve causar um efeito em que o leitor, por consequência, sinta a elevação de sua alma, por meio do deleite sentido com a leitura. Para Patrini (1987), no conto fantástico, o leitor deve sentir o prazer, o deleite, e o poema tem que ter beleza, deveria fazer com que o leitor pudesse fugir da realidade para vivenciar aqueles minutos de intenso prazer absoluto, ou seja, o exterior não poderia atrapalhar a leitura (Nada do que estiver ao seu redor, deverá atrapalhar a leitura). O leitor precisa, de qualquer forma, sentir algum efeito, a leitura não pode ser meramente vaga, ela tem que ter um objetivo, e este objetivo deve ser alcançado pelo leitor. Segundo Lévi-Strauss (1962 *apud* CALVET, 2011, p. 12):

Ao ter acesso ao saber acumulado nas bibliotecas, esses povos se tornam vulneráveis às mentiras que os documentos impressos propagam em proporção ainda maior. Não há dúvida de que os dados estão lançados. Mas, na minha aldeia nambiquara, os mais obstinados eram, apesar de tudo, os mais sensatos. Aqueles que se dessolidarizaram de seu chefe, depois de ele ter tentado jogar a cartada da civilização (depois da minha visita, ele foi abandonado pela maior parte dos seus), compreendiam confusamente que a escrita e a perfídia chegavam até eles de braços.

O autor se questiona sobre o que está escrito nos livros, pois ninguém poderia garantir que aquilo é realmente verídico. Conforme Calvet (2011), a escrita deve ser considerada uma arma de exploração do homem pelo homem, e os progressos da alfabetização como um retrocesso, pois eles introduzem o homem livre no estado de servidão. Podemos afirmar, dessa forma, que a brutalidade pela qual foi introduzida a escrita nas sociedades de tradição oral é bastante embaraçosa. O acesso entre uma e outra se dá por meio de uma forma antológica, ou seja, uma espécie de racismo linguístico (CALVET, 2011), caso se considere que as línguas sem escrita possam vir a ser transcritas, mas apenas para serem utilizadas em algumas áreas subalternas, ou seja, sem importância. Ainda para Calvet (2011, p.134):

A força da fala é um fato de tradição oral, enquanto as sociedades de tradição escrita conhecem, sobretudo a força do texto. Em um caso todos são governados por leis, decretos, tratados; no outro, por uma tradição ancestral que não se inscreve nos livros, mas na memória social.

O texto de tradição oral é pronunciado por um narrador que não apenas conta, mas dialoga com um ou mais receptores. Essa narração não é somente de fala, mas também de gesticulações. Conforme articula Fernandes (2005), não se deve esquecer que a narrativa oral é um texto verbal que solicita sua complementação com outros meios de registro, como o visual e o auditivo, através de recortes de jornais, fotografias, músicas, livros, etc.

Há algumas características que diferenciam a literatura oral da literatura escrita: na maioria das vezes, o autor é desconhecido; a origem é longínqua e indistinta; e o texto está sempre sujeito a alterações, evoluções, refletindo sobre valores, desejos e necessidades de uma comunidade. No entanto, Benjamin (1983, p. 57) afirma que:

[...] a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja, a de trocar experiências.

Patrini (2005) explana sobre a emergência de uma prática oral, e afirma que no Brasil:

[...] a parte oral e pública dos contos é parte integrante da cultura popular e tem um papel importante de coesão social e de divertimento. Assim, podemos dizer que o conto popular não é somente uma forma literária oral, mas também uma prática social feita de ações e de representações (PATRINI, 2005, p.33).

Como já mencionamos, a oralidade fazia parte de um âmbito de compartilhamento de possibilidades reais ou imaginárias desde as épocas mais remotas. Sendo assim, Cascudo (1984) elucida que a criação do termo Literatura oral pertence a Paul Sebillot:

O termo foi criado por Paul Sebillot (1846-1918), no seu *Littérature dela Haute Bretagne* (1881) e reúne miscelânea de narrativas e de manifestações culturais de fundo literário, transmitidas oralmente, i.e por processos não gráficos. Essa miscelânea é constituída de contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases-feitas, tornadas populares.

Cascudo (1984) recorda ainda que a literatura oral no Brasil é composta por elementos trazidos por grupos étnicos: Indígena, Portuguesa e Africana. Desta maneira, podemos afirmar que não há povo no mundo sem cultura, pois a história pode até ter sido criada em uma determinada região, mas, conforme ela for passando de geração em geração pelas pessoas, sendo contada, ouvida, recontada novamente em diversos lugares distintos, ela vai se autoconstruindo de acordo com cada contador.

Na sociedade brasileira, especificamente nas regiões interioranas, o discernimento entre a oralidade e a escrita não era muito demarcado. É principalmente nessas regiões que se encontram os contadores tradicionais. No entanto, esses contadores estão se extinguindo com o passar dos anos, por causa de sua própria morte, assim, deixando este legado para trás. A tradição oral não depende da literatura oral; no entanto, a literatura oral sempre está e estará agregada a tradição oral. Conforme Patrini (2005, p.105):

Contar prática antiga. Nós encontramos tal prática em todas as partes do mundo... A literatura oral transmite de indivíduo a indivíduo, de povo a povo o conto que se constituiu em algo indispensável à vida e que os homens, através dos tempos, selecionaram pela experiência.

Portanto, podemos afirmar que o tema oral é um termo que se liga ao patrimônio social e cultural da história oral e escrita. O ato de contar histórias,

além de ser pertinente culturalmente, também atinge a sabedoria e o conhecimento. Conforme Reis (1987, grifo nosso), “mudam-se as maneiras do contar, alteram-se as funções do contar, inventam-se novas formas do contar, mas persiste, irrevogável, o fascínio de **contar**”. E é esse contar que não queremos perder de nossas memórias.

2.2 A necessidade da memória na Literatura Oral

Para termos uma memória individual, ou seja, pessoal, precisamos contar com a ajuda das pessoas que estão ao nosso redor, fazendo com que nossa memória seja tratada como coletiva. Essas pessoas nos ajudam a guardar e a preservar nossa memória. Conforme Halbwachs (2006, p. 160):

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Podemos afirmar que o espaço está associado à memória humana, ou seja, tudo o que temos ao nosso redor é sabedor de nossas memórias. A influência, seja do espaço ou das pessoas que nos cercam, faz com que consigamos manter nossa memória ativa. Além da estabilidade espacial, a estrutura da sociedade pela qual vivemos possui um grande influxo em nossa memória. Falando nisso, podemos afirmar que as construções resistem porque estabelecemos relações com o lugar onde vivemos. Dessa maneira,

[...] se entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de uma curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente (HALBWACHS, 2006, p.163).

Sabemos que o espaço tem uma grande durabilidade, e a memória também. Tanto um como o outro são extremamente duradouros e necessários. Precisamos muito de nossa memória, e é indispensável termos nosso espaço onde possamos realizar nossas ações diárias, estar em contato com quem

amamos, executar nossas tarefas, enfim, estarmos próximos, em convivência com nossos entes adorados:

Não há memória que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Podemos assegurar que nossa memória espacial é muito mais fixa que as outras memórias. Quando queremos nos lembrar de algo que ocorreu há muitos anos, não precisamos sair do espaço onde estamos. Contudo, é essa estabilidade espacial que nos permite recordar de certos fatos. Para Bosi (1994, p. 19),

[...] destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletivas como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo).

Nós podemos até ter nossas lembranças guardadas em nossa memória; entretanto, quanto mais pessoas dividirem nossas reminiscências, maior será nossa bagagem memorial, porque, assim, sempre que quisermos recordar certo fato, podemos contar com as pessoas que também tiveram contato com essa experiência. De acordo com Halbwachs (2006), nós recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer, e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias relativas a ele permaneçam obscuras para nós.

Para o autor, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Dessa forma, nossas lembranças não ficam somente em nossas memórias, mas também nas de quem convive conosco. Mesmo que essas pessoas não tenham presenciado um evento, elas vão nos ajudar quando precisarmos recordar, e isso acontece porque, para Halbwachs (2006), nunca estamos sós. Ainda que não haja ninguém em nossa companhia,

podemos contar com nossa própria memória, pois ela sabe de tudo o que fizemos, assim, podemos nos certificar de que a história é essencial, é por causa dela que recordamos nossas lembranças através de nossas memórias, tanto individuais como coletivas.

Em seus estudos, Halbwachs (2006) cita um exemplo que retrata bem o fato de guardarmos lembranças. O autor lembra que uma pessoa que ama loucamente ou que ama moderadamente pode, às vezes, nem se dar conta acerca da importância que tiveram seus pequenos gestos. Já aquele que mais amou, vai recordar ao outro as inúmeras explicações amorosas e verá que este não guardou nenhuma dessas lembranças.

A memória individual não é suficiente para recordarmos todas nossas lembranças. É neste aspecto que Bosi (1994) explana seus pressupostos: uma memória coletiva se desenvolve a partir dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais, ou seja, para que isso aconteça, precisamos estar em contato com as pessoas que fazem parte de nosso grupo e que vivenciaram juntamente conosco nossas memórias, pois assim elas poderão nos ajudar a reconstruir nossas memórias. Sobre esse conceito, Halbwachs (2006, p. 39) afirma que:

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros [...].

Esses testemunhos são os indivíduos que fazem parte de nossa sociedade, e dentro dela temos e mantemos um contato mais assíduo com algumas pessoas, principalmente nossa família, que são os membros com os quais mantemos contato desde que nascemos. É nossa própria família quem nos ensina o conceito e o contexto de memória, pois os membros desse grupo conseguem nos contextualizar no ambiente em que vivíamos há tempos.

Segundo Bosi (1995), nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família. Para

Halbwachs (2006), que comenta em seus estudos sobre a reflexão feita por Blondel sobre reconstituir o ambiente de sua lembrança, a lembrança se apresenta no mesmo ambiente e é justamente isso que podemos encontrar em nossa família. É o pensamento da família ausente que fornece o contexto e a criança não precisa, “reconstituir o ambiente de sua lembrança” (BLONDEL *apud* Halbwachs, 2006), porque a lembrança se apresenta neste mesmo ambiente.

Além da família, o grupo social com o qual este grupo convive também influencia na construção de sua memória, pois, em nossa existência, possuímos muitas pessoas que convivem conosco, como amigos, colegas de trabalho, amigos da faculdade, vizinhos, conhecidos, enfim, são inúmeros os que dividem não somente momentos de alegria, mas também momentos infelizes, e essas pessoas fazem parte de nossas memórias.

Depois da família e do grupo social, há também as coisas materiais que os ajudam a recordar fatos que marcaram nossas vidas. Há sempre algo que faz lembrar-se de coisas que aconteceram há muito tempo, mas que através destes objetos permanecem vivas em nossas memórias. São exemplos disso construções, músicas, fotos, personagens, tragédias, fatos históricos, etc.

Portanto, para resgatarmos lembranças, devemos contar com grupos de pessoas ou objetos. Não importa o tamanho do grupo, mas, quanto mais grupos existirem, maiores serão as memórias diferenciadas a que poderemos ter acesso. Portanto, devemos levar em consideração que, quanto mais pessoas próximas tiver o grupo, mais ele ficará forte na construção de nossas memórias. Para que isso aconteça, a memória possui um papel fundamental:

Na construção imaginária da realidade, a memória ocupa um papel fundamental. A recuperação da memória é imprescindível para a compreensão da constituição de um lugar. No entanto, a memória não se restringe apenas a um instrumento que possibilita a explorar o passado por si mesmo, mas é também um meio que possibilita entender como se deram as vivências de um grupo social de um determinado lugar (SOUSA, 2005, s/p).

Mesmo sabendo que essas memórias não nos aparecem por acaso, mas sim por acontecimentos ou representações que nos acontecem esporadicamente, quando essas reflexões nos são despertadas é porque tivemos um contato com fatos ou objetos que nos fazem lembrar de certas

coisas com que não tínhamos mais contato. Conforme retrata Halbwachs (2006), nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, pois temos que esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, despertem-nas e as representem para nós.

As imagens são fatos vivos e muito marcantes que nos fazem lembrar o momento em que as vivemos. É através das imagens, pensamentos e sentimentos que adquirimos o poder de não nos esquecermos de acontecimentos que marcaram nossas vidas. Como exemplo, podemos citar Halbwachs (2006) que exemplifica esse conceito: “É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história”.

Cada ser humano possui sua vida, sua história, seus familiares, seu cotidiano, suas lembranças, enfim, uma série de características próprias. E, quando se trata de recordações, lembranças, logo imaginamos cenas que marcaram nossas histórias, imagens que nos refrescam o pensamento, percepções de toda uma vida. Conforme Bosi (1994, p. 53), “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano aflora a consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios”.

Outro fato interessante sobre nossa memória é que nosso passado, algumas vezes, pode ser retomado de duas formas: fatos que desejamos nos recordar e aqueles que, por mais que tentamos, não temos um grande êxito em relembra-los, o que nos exige certo esforço psicológico para atingir nosso objetivo. Por isso que, quando nos defrontamos com esses obstáculos, podemos contar com pessoas que nos são ligadas fraternamente e conseguem nos auxiliar na recordação desses objetos. Mas antes disso, quem precisa lembrar somos nós mesmos. Conforme cita Halbwachs (2006, p. 67),

[...] essas lembranças existem para (todo o mundo) esta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejamos. Das segundas, das que não conseguimos recordar à vontade, de bom grado diremos que não pertencem aos outros, mas a nós, porque somente nós podemos reconhecê-las. Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito somente a nós,

constituem nosso bem mais exclusivo, como se só pudessem escapar aos outros na condição de escaparem de nós também.

De acordo com os estudos de Halbwachs (2006), a memória pessoal e, conseqüentemente, a memória social sofrem interdições que, por sua vez, constroem nossa memória individual. A partir do momento que temos nossa memória individual, vamos abranger a memória coletiva que permite nos identificar com as pessoas que convivem conosco. Halbwachs (2006) liga a memória da pessoa à memória do grupo; e esta uma jurisdição tradicional, que é a memória coletiva de cada sociedade. Como afirma Diehl (2002), a memória é constituída por um saber que forma as tradições, atuando como um canal de comunicação entre dimensões temporais, podendo ser contextualizada e atualizada historicamente, ou seja, é uma maneira de exposição elaborada e simbolizada através das experiências individuais e coletivas.

Um elemento de extrema importância para a memória é a linguagem, linguagem esta que passa por gerações através de contação das mais diversas histórias e conversações, uma experiência humanizadora carregada de lembranças. Halbwachs (2006) comenta o fato de as pessoas mais velhas serem as portadoras e as responsáveis pela transmissão de histórias. Para ele,

[...] nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (HALBWACHS, apud Bosi 1994, p. 63).

Concordamos plenamente com esse autor, pois os mais velhos têm uma bagagem histórica e cultural vasta, ou melhor, muito mais extensa do que as pessoas mais jovens. Por terem vivido muito mais, eles sabem muito mais, por isso que as tribos primitivas consideravam os idosos como pessoas que possuíam uma grande sabedoria. Nessa linha de raciocínio, Bosi (1995, p. 60) afirma:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Dentro da história, defrontamo-nos com a tradição oral e, concomitantemente, com a Literatura oral. Por isso, toda comunidade que possui uma história, possui também lembranças, e essas lembranças são resgatadas através da memória do povo. Todas essas reminiscências são transpassadas para outras gerações no decorrer do tempo. Para Pelen (2001, p. 69),

[...] dizer que o discurso que uma determinada comunidade tem de sua literatura oral refere-se à sua história global, ou seja, à história da representação que ela tem de si mesma, dentro da história, uma vez que o papel da literatura oral, no sentido literal do termo, no sentido pictórico, é o de reproduzi-la, o de representá-la. É preciso então, que a consciência, a memória que se tem dela, seja a imagem da consciência, da memória que se tem de si mesmo. Se a memória de si próprio – como toda memória – é seletiva, a memória que se tem da literatura oral também o será (PELEN, 2001, p. 69).

As histórias têm a necessidade de serem transpassadas de geração para geração, pois, mesmo com todos os métodos tecnológicos existentes atualmente, esses relatos acabam se perdendo. Bosi (1994) faz um questionamento a partir do pressuposto de como que a arte de contar histórias decaiu tanto. A autora não tem certeza de qual foi o motivo exato, mas acredita que pode ter sido pela falta de troca de experiências, “a experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta” (BOSI, 1994, p. 84). Para ela, a guerra, a burocracia, a tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão. Para passarmos nossas recordações para as gerações futuras, precisamos contar com a tradição oral, ou seja,

[...] a tradição oral, do passado ou do presente, memória ativa, é modelada, filtrada dentro do discurso, dentro da memória que se tem dela para falar melhor de si mesma, para melhor servir ao sentimento vivido da história passada e presente (PELEN, 2001, p. 49).

Isso nos faz pensar que a memória é à base da vida. Embora tenhamos o livre arbítrio, toda e qualquer pessoa deve saber sua história e conseqüentemente transpassá-la oralmente adiante para as novas gerações. De acordo com Patrini (2005), a fidelidade ao oral, à cultura e às suas versões exige a participação ativa e vibrante da memória, ou seja, para relembrarmos, precisamos de uma boa memória. Segundo Bosi (1994), a função da memória é hoje a de conhecimento do passado, que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Para Alessandro Portelli (1996, p. 60),

(...) o principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros. Pois não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar.

Nesse sentido, podemos concluir nossos pressupostos teóricos afirmando que a memória individual e a memória coletiva possuem uma ligação muito grande, de fato, elas se compactuam entre si, uma complementa a outra, porque quando alguém tenta recordar de algo, mas não consegue, outras pessoas o ajudam, isso significa um elo muito grande dessas memórias, para tanto são extremamente necessárias para a reprodução da tradição e da literatura oral, ou seja, são associadas uma à outra.

3 A HISTORIOGRAFIA DA FORMAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL DO OESTE DE SANTA CATARINA

Neste segundo capítulo, procuramos apresentar o contexto social dos entrevistados, situamos as localidades em que foram realizadas as pesquisas. Neste cenário, traçamos o perfil da população à qual pertencem os entrevistados. Para isso, a pesquisa se baseará na historiografia produzida no Oeste Catarinense.

Localizado na América do Sul, o Brasil é um dos maiores países do mundo, sem contar que as riquezas existentes aqui são imensuráveis. Com 27 estados, entre eles contando o Distrito Federal, essa nação possui todos os climas existentes, contendo praias de norte a sul, serras, sertão, florestas, matas, cachoeiras, rios, neve, frio, calor, fauna e flora de todas as espécies, simplesmente um país único. Conforme a letra da canção de Jorge Benjor, “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...!”. Abastado de todo e qualquer tipo de riqueza em todos os seus estados, pois cada qual possui sua integridade própria.

Nosso trabalho privilegia o Estado de Santa Catarina, marcado pela guerra do Contestado⁵ e por muitas outras batalhas, todas resultando em vitória de Santa Catarina. Primeiramente, a disputa territorial ocorreu entre Portugal e Espanha, depois entre Brasil e Argentina, e ainda mais tarde entre Paraná e Santa Catarina, período pelo qual ocorreu a guerra do Contestado (1912-1916), ocasião em que, para manter as terras do Estado afastadas das garras do Paraná, foi preciso povoar toda Santa Catarina.

Hoje o estado é considerado um dos mais ricos do Brasil. No oeste de Santa Catarina, há uma grande difusão nos cultivos avícolas, agrícolas, de gado de leite e suínos, todos os seus municípios geram um PIB bastante considerável. No entanto, o que nos interessa desse Estado corresponde ao Oeste Catarinense, conhecido em todo o estado como Grande Oeste, região que pode ser visualizada a seguir:

⁵ Foi um conflito armado, entre a população cabocla e os representantes do poder Estadual e Federal brasileiro travado entre outubro de 1912 a agosto de 1916.

Figura 1 – Região Grande Oeste de Santa Catarina



Fonte: www.santacatarinaturismo.com.br

No presente trabalho, dedicaremos nossa atenção aos oito municípios dessa região, que abrangem a 29ª Secretaria de Desenvolvimento Regional. São eles: Águas de Chapecó, Caibi, Cunha Porã, Cunhatai, Mondai, Palmitos, Riqueza e São Carlos.

O grande oeste catarinense é uma parte muito rica do estado, contendo 118 municípios. Embora pareça ser um número elevado, entre eles, a grande maioria são de comunidades pequenas, com cerca de 1490 habitantes. Contudo, há alguns centros maiores, com concentração de mais de 180 mil pessoas. Mas, mesmo assim, cada localidade possui sua renda e produz o que há de melhor para seu território.

Mesmo que vieram para cá com a utopia da terra desejada, em que tudo que se plantasse seria colhido, esses imigrantes, em sua grande maioria, já estavam instalados no Rio Grande do Sul quando a Companhia Sul Brasil e sua equipe de agrimensores começaram a explorar as terras nas margens do Rio Uruguai, abaixo de Goio-en até as terras próximas a Mondai. Na região Oeste, só havia mata virgem, animais selvagens e alguns índios:

A grande aventura dos colonos foi afirmar-se, cravando o arado e a enxada em terras onde até então ninguém tinha feito, onde a fertilidade do solo jamais tinha dado seus frutos. A conquista do inexplorado e desconhecido levava os colonos sempre em frente, constituindo uma grande marcha que, sem o uso de armas, conquistou ao país novas províncias. Nesta árdua luta em que cada metro quadrado precisava ser arrebatado da selva, os colonos dependiam tão somente de seu próprio esforço (KOELLN, 2004, p.22).

Não havia outra forma de conquistar esse espaço, a única maneira seria desbravar a região. A vida naquela época era muito sofrida, além da existência de muitos animais ferozes, havia ainda os mosquitos. No começo, a falta de comida também teve sua influência; porém, com o passar do tempo, os novos colonizadores começaram a plantar, e, como a terra, além de ser apropriada, também era muito fértil, todas as colheitas foram muito satisfatórias.

Com todos esses acontecimentos, a emancipação político-administrativa do oeste de Santa Catarina ocorreu em 1917. A região era praticamente despovoada, o que existia eram apenas alguns caboclos e índios. A questão dos índios deve ser mencionada, pois, nesse período, a região era povoada pelos índios Kaingang, e, de acordo com alguns vestígios arqueológicos, encontrados próximos ao Rio Uruguai, esses habitantes chegaram aqui por volta de 5000 a.C. Mesmo sem um sistema de medição, a área abrangente fazia fronteira com Rio Grande do Sul, Paraná e Argentina, totalizando 14.071 quilômetros quadrados.

Para Werlang (2006), nunca houve brigas entre colonizadores e índios, o respeito era assíduo na grande maioria das vezes. No entanto, com o passar do tempo, os colonos queriam as terras “limpas”, ou seja, sem os índios, que eram considerados improdutivos. Sendo assim, os índios começaram a desaparecer. A maioria deles foram para centros maiores, outros foram conduzidos a Nonoai/Rio Grande do Sul por padres jesuítas. Enquanto isso, as empresas colonizadoras foram se mobilizando e se divulgando, para que, assim, o mais rápido possível, as terras pudessem estar colonizadas. De acordo com Luvisa (*apud* PAIM, 2006, p. 121),

[...] então, vinha mudança. Quinze, vinte, mudanças por dia de pessoas vindas do Rio Grande do Sul. Geralmente eram pessoas filhas de imigrantes italianos e alemães que, quando vieram para o Sul compraram pouca terra porque tinham pouco dinheiro, as famílias grandes cresciam, constituíam novas famílias. Ai tinha aberto aqui a

partir de 1917 a venda de terras por colonizadoras nacionais e estrangeiras e as terras eram vendidas realmente por um preço módico, com prestações módicas e fixas. Então era fácil adquirir terras (...) eles foram se colocando e foram... Vinham para cá com a esperança de enriquecer, acho que por isso que a cultura ficou em segundo plano. Que aqui nós somos muito trabalhadores... Mas, nós não valorizamos a cultura. O que é uma.

Os colonos que aqui chegaram logo começaram a plantar, pois tinham fome de colheita para terem realmente certeza de que fizeram um bom negócio. Primeiramente, a extração da madeira tinha um enorme destaque, permanecendo com este mérito até meados da década de 50. Entretanto, a região Oeste se destacava também na produção de milho, feijão, arroz, fumo e na criação de suínos. O trabalho era extremamente árduo, porém valioso. No entanto, o solo era extremamente fértil e produzia muito milho, o problema era onde vender toda essa quantidade, pois era uma região desabitada, sem fábricas e indústrias próximas. Para solucionar este obstáculo, começaram a criar suínos, que começaram a ser comercializados lentamente em Curitiba e São Paulo. Em 1940, foi aberto um frigorífico em Chapecó, então tudo começou a ficar um pouco mais fácil.

Mesmo assim, a localização dessa comunidade, em relação à capital do estado, ficava muito longe. Além disso, tudo era precário, não existiam carros, muito menos estradas, ou seja, tudo devia ser feito a pé, a cavalo, por meio de carroças ou de barcos. Assim, quando os habitantes desse local precisavam de médicos, roupas ou qualquer outra coisa, tinham que se deslocar até o Rio Grande do Sul, o Paraná ou a Argentina. Isso indignou o governador do estado da época: Adolfo Konder. Em 1929, ele veio até o extremo oeste para se situar das necessidades deste povo para, enfim, agregá-los ao poder do estado na tentativa de solucionar algumas de suas dificuldades.

Mediante a visita do governador, a situação mudou bastante naquela região. Entre as principais medidas que foram tomadas, está a construção de novas estradas e escolas. De fato, estas escolas eram ligadas aos preceitos religiosos, luteranos e católicos, mas quem ensinava as crianças eram algumas pessoas que tinham um pouco mais de conhecimento e se dispunham a lecionar. Os alunos eram, na maioria das vezes, filhos de pais que tinham condições de pagar os estudos. Nessas comunidades, a língua falada era na maior parte das vezes a italiana ou a alemã. Com a Segunda Guerra Mundial, o

governo brasileiro proibiu que as pessoas falassem suas línguas de origem, o que causou a prisão de alguns colonos e o fechamento de escolas. Mas segundo Paim,

Mesmo com todos os esforços governamentais para a integração da região ao Estado, culturalmente isso não aconteceu, pois as pessoas continuaram ligadas ao Rio Grande do Sul. Até hoje existem disputas culturais entre os moradores do litoral de Santa Catarina e os da Região Oeste. Os primeiros costumavam pejorativamente, denominar os moradores do Oeste como “colonos”, “índios”, “bugres” e muitos outros adjetivos desqualificadores. Por sua vez, a recíproca também é verdadeira, quando os destinos referem-se aos habitantes do litoral como “comedores de siris”, “manezinhos”, “povo que só gosta de praia e não trabalha” (PAIM, 2006, p. 127).

Anda hoje, há algumas crueldades relativas ao passado entre o povo do oeste e do litoral. No caso de fundações de grandes centros, estes foram todos realizados em Florianópolis ou próximos de lá. A fundação da única Universidade Federal foi instalada dentro da ilha de Florianópolis, ficando assim há mais ou menos 720 quilômetros da região Oeste do Estado. Outro exemplo é a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que só existia em Florianópolis e em Lages, no meio do estado, a mais de 500 quilômetros do Oeste, onde tinha uma extensão. Atualmente, há no Oeste três extensões da UDESC, situadas nas cidades de Chapecó, Palmitos e Pinhalzinho.

A partir da década de 60, o país passou por drásticas mudanças no campo. Como não seria diferente, o Oeste catarinense também teve suas transformações, principalmente na questão interiorana onde as famílias foram se constituindo, tornando-se assim cada vez maiores. A vida no campo estava bem difícil, pois a renda não dava para sustentar todas aquelas pessoas, fazendo com que, assim, muitas famílias se mudassem para a cidade grande em busca de empregos em indústrias e fábricas ou até mesmo para comprar um lote de terra em outro lugar. Esses indivíduos se deslocaram, principalmente, para o Norte do Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

Quem ficou em Santa Catarina, começou um processo de parcerias com algumas grandes empresas que se instalaram em Chapecó; era a criação de frangos, perus e suínos. Os colonos entravam com a estrutura e mão de obra,

enquanto as empresas forneciam os animais, a comida e os remédios necessários. Essa cooperação entre um e outro tendia a dar grandes resultados; mas, para que isso acontecesse, os colonos deviam seguir as normas apresentadas pelas empresas. De acordo com Paim,

Simultaneamente à instalação e ampliação das indústrias, ocorreu a modernização do campo e das relações de produção nele desenvolvidas; nessa região as mudanças ocorreram especialmente na pecuária. Na criação de aves e suínos foi sendo implantado um novo sistema de produção, a integração. Essa forma de produzir está baseada num sistema de “parceria”, na qual o produtor deve participar com a propriedade, as instalações e a mão-de-obra, enquanto que, a agroindústria controla de maneira bastante rígida toda a produção. Estão a seu encargo as produções de pintos ou perus, que após o nascimento serão distribuídos aos criadores, todas as assistências, a produção de alimentos, e fornecimento de medicamentos. Tudo é determinado pela empresa, inclusive o momento em que os animais serão retirados dos aviários e levados para o abate. Estrutura semelhante também é empregada na criação de suínos (PAIM, 2006, p. 131).

A primeira grande empresa a surgir nesses moldes foi a Sadia, que já começou seus negócios trazendo algumas raças europeias na década de 60. Todavia, alguns agricultores não quiseram usufruir dessas parcerias e continuaram suas criações próprias.

Alguns anos se passaram e surgiu a peste suína africana, e esse teria sido o pretexto para que as grandes indústrias acabassem com as produções fora dos padrões. Esses novos modelos de criação foram baseados na higiene e alimentação. Aqueles que se adequavam ao que era proposto por esse sistema, aos poucos, foram sendo eliminados do processo produtivo.

O solo é fértil, as produções agrícolas e avícolas são muito boas e geram uma vida digna e definitivamente honesta para as pessoas. Uma região rica em todos os sentidos. Ainda conforme Paim (2006, p. 128),

[...] a região Oeste é a maior em superfície, representando um quarto do território do estado, e em número de municípios (118). É a segunda mesorregião em população, com 1.114.699 habitantes com uma densidade demográfica de 41 hab/ km abaixo da média estadual que é de 56 hab/km. Por sua vez, a Região Oeste de Santa Catarina está dividida em microrregiões. A microrregião de Chapecó é composta por 38 municípios. É uma região agroindustrial, onde se localizam 7,29% das empresas do estado e que se apresenta como destaque nos setores alimentício, de origem animal, setor metal-mecânico, moveleiro e plásticos.

Uma região desbravada por imigrantes oriundos da Europa, em sua grande maioria, com uma vontade muito grande de fixar em Santa Catarina suas novas raízes, estabelecer suas residências, começarem seus negócios. A chegada, as situações difíceis e o início de tudo foi deveras muito sofrido, flagelante, torturante, dramático, muitas vezes passaram por crises e calamidades. Mas, em compensação, foram bravos, fortes, resistentes, categóricos e agiram legitimamente como povo brasileiro, não desistiram nunca. Foram os personagens principais de um filme que não tem pausa, apenas teve começo, mas durará até o fim dos tempos. Analisar como esse enredo está presente na memória dos protagonistas é nosso objetivo.

3.1 Caminho das Águas: A história de Águas de Chapecó

A região Oeste catarinense começou a ser habitada nos anos de 1917 pelos habitantes de origem europeia. Contudo, já havia pessoas vivendo nestas terras, eram os índios e caboclos. No princípio, havia muitas companhias colonizadoras que vendiam lotes de terras para imigrantes estrangeiros, vindos principalmente de cidades já povoadas do estado do Rio Grande do Sul. No município de Águas de Chapecó, não foi diferente, a companhia *Isaac Pan e Vargas* possuía muitas terras. Ainda que a companhia não trabalhasse regularmente, muitos colonos compraram propriedades e se instalaram nessa nova localidade que estava em formação, a terra era muito barata e ainda havia prazos para pagá-la; a aquisição das propriedades oportunizava a vida dos novos habitantes. Os descendentes de italianos e alemães se fixaram em diferentes locais do município. Na parte mais ao norte, fixaram-se, com mais intensidade, o grupo de alemães, enquanto os italianos fixaram-se ao sul do município (WOLF, 2000).

Águas de Chapecó passou por um grande processo de extrativismo madeireiro, conforme afirma Wolff (2000), destacando-se no beneficiamento da madeira, bem como na organização e montagem de balsas que desciam via Rio Uruguai aos países platinos. Além da madeira e da agricultura, foi uma grande produtora de fumo até os anos 70.

Os originários europeus tinham em mente uma nova vida naquela “terra prometida”; contudo, a situação nesse novo espaço não era o que se

imaginava. A falta de suprimentos em todos os setores foi uma grande desilusão obtida por essas pessoas. A utopia idealizada era que houvesse pelo menos lavouras limpas para a produção, terras desbravadas, algumas pequenas indústrias necessárias como moinho e serraria, e, claro, pequenos comércios.

Todavia, a chegada até a nova residência foi bastante sofrida, por causa das picadas, das travessias de rios, da mata, etc. Tudo era feito a pé, no máximo com carroças, sendo assim, o jeito era desmatar e começar a construir suas habitações e a plantar suas terras. Quando tudo isso estava feito, era preciso ir à busca de suas necessidades. Porém, ainda havia muitas dificuldades, o lamaçal era enorme, e a cidade mais próxima para a compra de suprimentos necessários era em Chapecó, e o trajeto para chegar até lá levava dois dias.

A fixação de italianos de um lado e de alemães do outro gerou entre essas comunidades uma grande preocupação em relação ao estudo dos seus filhos e à igreja. Esse segundo fator era mais enfatizado pelos italianos. De acordo com Wolff (2000), a educação em Águas de Chapecó tem início por volta de 1941, com uma professora vinda de Caxambu do Sul, município próximo da região. A mestra ministrava suas aulas primeiramente em uma pequena igreja, construída pelos primeiros moradores que se instalaram no município. Mais tarde, na cidade, os próprios imigrantes construíram um prédio próprio de madeira para a escola. No interior, as escolas só foram constituídas após a emancipação do município. Na questão religiosa, existia a necessidade da instalação da igreja católica, pois não havia vigário no local. Wolff (2000) explana que a preocupação maior não estava dirigida ao atendimento dos brasileiros ali residentes, mas aos colonos de origem, católicos que já residiam e os que, por ventura, viessem a ocupar esse espaço:

A questão arquitetônica, símbolo da igreja-poder, para o prelado, é muito importante, tanto que as normas canônicas aconselham que a igreja seja construída, preferencialmente, no local mais alto da cidade com objetivo de ser visibilizada pelos fiéis durante todo o dia, para que não se esqueçam de suas obrigações de seguidores cristãos (WOLFF, 2000, p.77).

A companhia colonizadora tinha uma grande preocupação com a organização da comunidade, por isso instigava a todos os moradores em suas comunidades a construir igrejas, a participar de celebrações, pois acreditavam na ideia de “civildade para o progresso”.

Em relação à companhia colonizadora, os lotes de terras vendidos eram de 25 a 30 hectares de mata, mas o colono não podia extrair a madeira. Isso só era possível se o colono pagasse toda a dívida com a colonizadora (WOLF, 2000); caso contrário, ele deveria extrair a madeira e entregá-la para a companhia.

O sofrimento e os apuros não eram passados somente pelos homens, mas também pelas mulheres e crianças. A mulher tinha uma presença indispensável, pois representava não somente o papel de mulher, mas também de mãe, trabalhadora, uma vez que, além de cuidar dos filhos, do marido, da casa, das roupas, ela realizava atividades extra domésticas, inclusive acompanhava o marido na lida do campo que era, na verdade, mato, pois na época o campo aberto era pouco existente.

Atualmente, o município de Águas de Chapecó conta com 18 comunidades, sendo que quatro delas possuem grupo de idosos; onze comunidades possuem igrejas católicas, cinco possuem igreja presbiteriana e quatro utilizam-se do salão comunitário como igreja. A localidade possui três núcleos de Ensino Municipal, cinco pré-escolas, uma casa familiar rural, uma escola estadual de ensino. Os eventos culturais existentes são: Festa do Santo Padroeiro; Festa de abertura da temporada de verão; Som das Águas e Baile de Chopp. Os locais turísticos são: Praia de água doce às margens do Rio Chapecó, chamada Areia; Mirante da Foz do Rio Chapecó e a Cachoeira no rio Chapecó, próximo à Linha Saltinho.

3.2 São Domingos: Memórias e histórias da cidade de Caibi

São Domingos é um pequeno município conhecido regionalmente pela bela e arborizada praça do centro da cidade, situado no extremo oeste catarinense. Primitivamente, os lotes de terra do município de Caibi pertenciam à Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense, que tinha sua sede em Porto Alegre. Não somente esta, mas todas as companhias colonizadoras tinham

interesse em vender muitas terras, e esse desejo ia ao encontro de famílias que queriam comprar mais terras e, principalmente, terras férteis. Sua colonização teve início na década de 20, quando alguns imigrantes, descendentes de italianos, que moravam no Rio Grande do Sul, começaram a colonizar essa localidade. Segundo Rizzi (2012), a vinda desses imigrantes foi motivada pela necessidade de adquirir maior quantidade de terras, uma vez que as famílias eram numerosas e havia o costume de que cada filho, ao casar, recebesse certa quantia de terras, capaz de dar sustento à nova família.

Com o passar dos anos, principalmente a partir das décadas de 40 e 50, o território de Caibi recebia, a cada dia, mais e mais colonizadores com o grande ensejo de continuar à sua cultura. Eles formaram várias comunidades rurais, fortificando ainda mais a Vila São Domingos, que era a sede do município. No entanto, esse começo foi bem turbulento, os caminhões traziam mudanças de várias famílias ao mesmo tempo e, chegando apenas até certa altura do caminho, onde era descarregado e a família ficava, a partir dali, encarregada de levar seus bens até o local onde haviam se fixado. A construção das casas era um tanto quanto sofrida, pois não havia máquinas. Então, as primeiras casas construídas mais se pareciam com cabanas, eram de madeira, com chão batido e a cobertura era com pequenas tabuinhas feitas a “muque”, ou seja, feitas à mão.

Depois de a casa estar pronta, eles faziam a inauguração com um churrasco. Essas casas possuíam um amplo espaço, pois, mesmo que não houvesse muitos móveis para se por dentro, as famílias eram grandes e o largo espaço era necessário. Também outro grande problema existente eram os mosquitos. Como se tratava de um local úmido, com bastante mata, a proliferação desses insetos era intensa. Para espantá-los, era necessário fumar.

Antes de toda a família vir, era normal que um dos membros viesse primeiro para iniciar o plantio de alguns alimentos, para que, quando o restante chegasse, as atividades necessárias para a sobrevivência já pudessem estar arrançadas. A água foi outro grande problema, pois não eram todos os lotes que possuíam esse bem tão precioso. Quem não tinha água precisava cavar poços ou ir até um riacho mais próximo.

Na década de 1940, quando estava ocorrendo a II Guerra Mundial, começaram a faltar alguns mantimentos extremamente necessários no município. Faltava querosene, sal, entre outros itens. As velas eram feitas com banha. Para ganhar dinheiro, muitos colonos vendiam peles de animais, com esse dinheiro compravam alguns mantimentos e até trocavam por munições, para que assim pudessem realizar novas caças. De acordo com Clemente Rizzi (2012), um couro de uma paca valia mais que uma saca de feijão. Os colonos vendiam essas peles em comércios locais, até mesmo regionais.

A educação no município teve seu início no ano de 1947, quando o professor Júlio Vitório Ernesto Turcato chegou à localidade. A princípio, as aulas eram ministradas em uma pequena igreja na sede do município. Algum tempo depois, a própria colonizadora doou um terreno para a construção de duas salas de aula, estas instalações, além de funcionarem como escolas, também serviram como moradia do mestre. Mesmo que o material escolar era bem escasso, a educação era vista com algo enaltecido. Os alunos precisavam percorrer grandes distâncias a pé ou a cavalo, e muitas vezes apenas os mais jovens estudavam, os mais velhos tinham que ficar em casa para ajudar os pais com a lavoura.

A saúde era tanto quanto precária no início da colonização destas pequenas comunidades. O hospital mais próximo estava localizado em Iraí, Rio Grande do Sul. Em 1949, foi instalado um hospital em Palmitos, e apenas em 1953 o município de Caibi teve o seu próprio hospital. Porém, os médicos eram raros e custavam muito, e as condições não eram muito prósperas. Para isso, recorria-se aos hospitais em caso extremos, ou então se tratavam com ervas medicinais ou chás que possuíam em casa, ou até mesmo recorriam à ajuda de benzedores ou curandeiros.

A construção das estradas contou com a ajuda de todos os moradores da vila, pois a colonizadora exigia que, para cada colônia de terra, o colono deveria doar seis dias de trabalho por ano a serviço das estradas. Elas eram feitas manualmente com ajuda de picão, enxada, arado. Sempre havia um capataz que organizava o seu feitiço.

No início, as colonizadoras extraíam a madeira nobre, mas, como não havia serraria na região, elas eram enviadas por balsas para a Argentina. Isso devia ocorrer sempre nas épocas em que o rio estava acima do seu nível

normal, pois, caso contrário, era muito mais perigoso, por causa do salto do Uruguai, conhecido atualmente como Salto do Yocumã.

A mata era tudo o que existia, assim, antes de fazer o plantio, era necessário desmatar, fazendo roçados, piques. Primeiro, cortavam-se as árvores mais finas, depois as mais grossas, depois se queimava e enfim se fazia o plantio. A produção era bem variada: milho, feijão, mandioca, batata, trigo, arroz. Previamente, os produtos não foram muito rentáveis, pois havia poucos comércios, então era necessário consumir tudo, esse era outro obstáculo, pois não havia onde guardar toda a produção. Porém, no entanto, as adversidades foram superadas e, definitivamente, as terras eram muito boas. Mesmo que, até então, tudo era feito da forma manual, o comércio de máquinas e artigos que facilitavam a vida dos colonos começaram a ser vendidos na região com o passar dos anos.

A vida era muito árdua, porém era considerada uma dádiva por todos aqueles moradores. Eles acreditavam muito em Deus e seguiam seus mandamentos laboriosamente. Como a maioria dos imigrantes era católica, a religião predominou na maioria das comunidades rurais, evitando, assim, a construção de mais do que uma igreja por local. Os munícipes da comunidade escolhiam um santo de devoção para a capelinha. Então, eles se reuniam a noite para rezar o terço, e a capelinha sempre acompanhava. Mais adiante, será possível perceber a devoção para com a igreja católica, pois a maioria das comunidades leva o nome de santos. As festas eram realizadas em honra aos santos, de forma que cada morador ajudava a festa com doação de produtos que seriam no final da celebração. Atualmente, o maior evento religioso desenvolvido por Caibi é a Romaria em honra à Nossa Senhora da Salete, que, inclusive, possui seu próprio santuário, sendo visitada por milhares de pessoas anualmente.

Como distração, era realizado “filó” ou “serão”, que consistia na visita aos vizinhos para tomar chimarrão e conversar. De acordo com Rizzi (2012), tratava-se de visitas, de uma ou mais famílias, que se reuniam em uma casa à noite para rezar, distrair-se, conversar, tomar vinho, chupar canas, bergamotas e cantar. Isso exigia muito empenho e dedicação das pessoas, pois as casas ficavam longe umas das outras e não existia energia elétrica. Os trajetos eram realizados a pé, apenas com a luz do “liquinho”. Os bailes eram eventos muito

esperados, pois não existia com tanta abundância como hoje. Eles eram realizados em casas, onde as instalações eram compatíveis, ou até mesmo em galpões.

O respeito era muito grande, e os rapazes tiravam as moças para dançar. Se elas quisessem algo mais sério, dançavam várias músicas; caso contrário, o rapaz deixava-a no mesmo lugar onde a convidou. No meio do baile, era vendido café com bolachas, cachaça e cerveja da marca Pérola. Tudo era divertido e não havia desgraças, como acontece hoje em dia.

O município de São Domingos (Caibi) possui aproximadamente 6.274 habitantes, e a religião da grande maioria é a Católica Apostólica Romana. Possui duas escolas estaduais, uma municipal e as creches.

3.3 Cunhaporá: A história de uma cidade - Cunha Porã

Situada ao norte de Palmitos, Cunha Porã, como é hoje conhecida em Santa Catarina, teve seu início em 1929 por descendentes de imigrantes italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul e de seus países de origem. A civilização já era sofisticada, para aqui tudo desmatar e começar do marco zero, com o objetivo de firmar suas residências e estabelecer laços afetivos com a família e com os vizinhos.

O nome da cidade foi escolhido pelo Engenheiro da Companhia Territorial Sul Brasil, Carlos Culmey. Primeiramente, era escrito de forma diferente “Cunhaporá”, só mais tarde passou a se chamar Cunha Porã.

No início, tudo era extremamente precário, e, como eram todos descendentes de estrangeiros, o idioma falado era o alemão. Então, quem não soubesse o idioma deveria aprender uma nova forma de comunicação; claro que os alemães se esforçavam para falar o português, o idioma que todos deveriam saber e falar. Conforme Christ (2008, p. 55),

[...] a conversa se desenvolve em alemão, língua praticamente obrigatória entre os técnicos e perfeitamente aceitável entre quase toda a população, cuja origem está na pátria distante ou nas colônias velhas, onde ainda é conservada e mantida quase com exclusividade.

Os novos colonos, que vinham de colônias já habitadas do Rio Grande do Sul, instalavam-se nas casas das pessoas que já tinham moradia até fazerem picadas para encontrarem suas terras e, posteriormente, fazer suas casas. Então, com o passar do tempo, foram surgindo novos moradores e assim foi aumentando aquela pequena vila, nasceu também a primeira escola e a primeira igreja.

Depois da madeira, a produção agrícola era a segunda maior atividade. Como a terra era muito fértil, tudo que fosse plantado era colhido em grande quantidade. Sendo assim, mais um vasto problema surgia: a falta de estabelecimentos comerciais para a venda dos cereais. Dessa forma, os colonos construíam galpões para guardar a produção, mas o que era mais temido aconteceu: a infestação de ratos por causa da floração das taquaras.

Desta maneira, alguns colonos se reuniram para formar hipóteses de que Cunha Porã estava ficando cada vez mais, uma vila melhor para se viver. A cada dia que se passava, aumentava o fluxo de novos moradores originários de cidades Rio-Grandenses e de alguns países europeus, em sua grande maioria da Alemanha.

A nova vila estava prosperando muito de acordo com sua capacidade de crescimento. Desta maneira, alguns empresários da cidade se reuniram para desmembrar a vila, que era distrito de Palmitos. Dessa forma, Cunha Porã se torna município em 1958. As comunidades rurais foram se formando, a cidade crescendo, e com isso se começou a construir igrejas, escolas, surgiram novos comércios, destes, muitos ainda continuam até hoje.

Atualmente, as principais atividades agrícolas são: produção leiteira, milho, soja, trigo, suinocultura, avicultura. Existe mais de 350 açudes em funcionamento, cultivo de fruticultura e reflorestamento. Na cidade, as atividades variam entre indústrias de confecção de vestuário, moveleiras, beneficiamento de trigo e artesanato, além do comércio em geral. No entanto, o que tem grande destaque é a fábrica de ração da Aurora, que está entre as cinco maiores da América Latina.

A religião sempre muito presente do município. Os colonos, oriundos do Rio Grande do Sul, eram muito religiosos e, logo que se instalaram no município e construíram uma pequena igreja, chamada na época de "SchullKapelle". A cultura de Cunha Porã é calcada na da europeia, pois conta

com muitos bailes, principalmente nas comunidades do interior e festas típicas em todo o município.

As igrejas são muitas e de várias religiões, as mais frequentadas ainda são as católicas, evangélicas e luteranas. Com esses dados específicos, podemos afirmar que Cunha Porã é um município preocupado com a educação de suas crianças e, assim como no início, a religião permanece muito admirada.

Um município que se desenvolveu a partir da bravura de homens com vontade de fazer aquela terra germinar, de fazer daquele lugar que antes era só mata, cheia de feras de todos os tamanhos e espécies, um verdadeiro lar, não somente para os primeiros desbravadores, mas para todos que ali chegassem e quisessem fixar suas raízes.

3.4 Cunhataí: de distrito à cidade

Cunhataí, um pequeno município localizado no extremo oeste de Santa Catarina, faz divisa com São Carlos, Saudades, Palmitos e Cunha Porã. Primeiramente, Cunhataí era distrito de São Carlos, mais tarde passou a ser distrito de Cunha Porã até que se emancipou em 1995.

De fato, já no início dos anos 1940, havia imigrantes de origem alemã e outros oriundos do Vale do Itajaí que colonizavam essa região. Com a emancipação da cidade de São Carlos, Cunhataí era uma pequena comunidade chamada Linha Cunhataí. Muitos imigrantes foram se estabelecendo em Cunhataí, tornando a pequena comunidade em uma vila, que atualmente é uma cidade pequena, no entanto, ótima.

Os imigrantes se deslocavam para esta região com a intenção de enriquecer vendendo madeiras, já que nessa época havia matas bastante densas, e os desbravadores queriam ganhar dinheiro com as famosas madeiras de lei que existiam em grande quantidade pela região. Mas, quando o extrativismo é em grande escala, nada dura para sempre. Assim, com o fim do ciclo da madeira em 1970, a exploração da mata foi substituída pela produção agropecuária, destacando-se os cultivos de milho, feijão, soja, mandioca, fumo e arroz. Ainda pertencente a este setor primário, havia a criação de bovinos, aves e suínos; já no setor secundário, o beneficiamento de madeira ainda era a

atividade mais desenvolvida. De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

Desde então a grande aventura desses homens e mulheres que aqui chegaram foi derrubar o mato, cravar o arado e a enxada onde até então ninguém havia o feito, onde a fertilidade do solo prometia muitos frutos. Nesta árdua luta em que cada metro quadrado precisava ser arrebatado da selva, os bravos colonizadores dependiam tão somente dos seus próprios esforços (IBGE, 2013).

A colonização foi iniciada pela Companhia Territorial Sul Brasil, pois esta tinha interesse em habitar todas as terras da região oeste catarinense. Tudo começou calmamente, pois não tinham a intenção de transformar aquele local em uma cidade. Porém, já no ano de 1948, construíram a primeira escola da vila, pois os alemães eram pessoas muito preocupadas com a educação de seus filhos. As famílias eram muito unidas, por isso construíram a igreja, que serviria também como escola.

Os bravos pioneiros que começaram a desbravar essas matas sofreram muito, pois a situação aqui encontrada era calamitosa, tudo deveria ser feito no braço, não havia máquina, era tudo “a muque”. Algumas adversidades existiam, era a ausência dos familiares e parentes que deixaram para trás para vir pra cá. Além da falta de assistência médica, esses desbravadores sofreram com a solidão e com as saudades. Em entrevista dada para a contribuição do histórico da cidade de Cunhataí, realizado pela prefeitura municipal em 1997/2000, um imigrante não identificado disse que para ver o sol era necessário quebrar os galhos e para ver a lua era preciso derrubar as árvores.

Cunhataí possui esta denominação pela influência indígena. Os antigos moradores, ou seja, os primeiros desbravadores, contam que os elementos indígenas que residiam na região, onde se localiza Cunhataí hoje, ao verem as mulheres, esposas e filhas louras, de origem alemã que ali estavam chegando, diziam “Cunhataí”, palavra esta que, mais tarde, entenderam como sendo “moça bonita”.

Em termos de educação, Cunhataí, como terra de descendentes alemães, possui uma escola estadual que abrange os ensinos fundamental e médio, duas escolas municipais que possuem apenas o ensino fundamental, e três pré-escolares.

3.5 A colonização às margens do Rio Uruguai: Mondai

A antiga Porto Feliz foi colonizada pelo engenheiro Hermann Faulhaber, que morava na cidade de Neu-Wurttemberg, hoje chamada de Panambi, uma pequena cidade no centro norte do Rio Grande do Sul. Considera-se a data de 20 de maio de 1922 o início de colonização de Porto Feliz. O diretor também sugeriu que a futura sede fosse denominada Porto Feliz, sugestão, que, alguns dias depois, foi aprovado em Carazinho, durante reunião dos demais sócios da empresa colonizadora.

A primeira família que se estabeleceu em Porto Feliz chegou em dezembro de 1922. Era a família Bruggemann, que trouxe tudo o que era necessário para os próximos seis meses. Inicialmente, foi tudo muito precário, pois teve que atravessar o rio de canoa, e quase que aconteceu uma tragédia no meio do Rio Uruguai, pois a embarcação, por pouco, não virou.

Praticamente sozinhos naquele local, o senhor Bruggemann ficou surpreso, quando, em certo dia do mês de março do ano seguinte, viu desembarcar um pastor que, ao descer de sua embarcação, ficou admirado pelas terras da região. Achou aquela localidade digna de ser habitada, e em seu pronunciamento afirmou nunca ter visto antes terras como aquelas. Disse, também, que na próxima reunião do Sínodo explanaria sobre o assunto.

Assim, as conversas vangloriosas em relação a essas terras percorriam por todo Rio Grande do Sul, fazendo com que cada vez mais e mais colonos viessem em busca das tão sonhadas e elogiadas terras. Alguns agricultores do interior gaúcho pensavam: “se conseguirmos comprar essas terras podemos nos considerar muito felizes, pois é uma terra maravilhosa onde tudo cresce em abundância, inclusive o café, cana-de-açúcar de tal porte como nunca tinha visto no Rio Grande do Sul” (Koelln, 2004, p. 18). A partir de 1924, o fluxo de novos imigrantes que chegavam semanalmente em Porto Feliz era constante.

Com a chegada de novas pessoas, houve a necessidade de criar um comércio maior e uma escola para as crianças. Foi assim que surgiu a primeira escola na vila Porto Feliz em 1924. Conforme Koelln (2004, p. 20), “o ensino em Porto Feliz era excelente. O alto rendimento educacional foi elogiado por vários inspetores escolares”. A cultura do povo também devia entrar em

desenvolvimento; para isso, Ricardo Bruggemann se tornou dirigente do coral masculino, que tinha como lema “Alegria e canto a vida inteira”. Também cantava em enterros. Com o coral, os moradores se sentiam mais animados, eles ajudavam a dar força para aquela difícil luta para a sobrevivência. Em 1926, entraram os primeiros carros.

Como de praxe, assim que chegavam às colônias, os pioneiros derrubavam a mata e construíam a residência, mesmo que de início fosse apenas para se alojar e, mais tarde, depois que tudo estivesse melhor, construía-se a casa definitiva, atiravam fogo nas ramas secas e preparavam a terra para a plantação.

Na época de cultivo da terra, todos ajudavam. Quem já sabia pegar no cabo de uma enxada, ia junto para a roça, porém, quando não havia mais serviço na roça, o pai e os filhos mais velhos ajudavam a levar madeira para a Argentina. Conforme Koelln (2004), durante cerca de 50 anos, as viagens dos balseiros, românticas e cheias de aventuras, faziam parte integrante da vida da colônia. A derrubada da mata era dividida em três partes pelos pioneiros e os balseiros: primeiramente, derrubavam-se as árvores às margens do rio, essas árvores caíam no rio e eram chamadas de “madeira a muque”. Na segunda parte, ficavam as árvores um pouco mais longe do rio, e estas precisavam da ajuda de juntas de bois para serem levadas até o rio. Na terceira etapa, após a construção de estradas, eram trazidas as madeiras mais distantes. Como a demanda passa a ser mais intensa, em meio a população ali residente, surgiram empresários, lancheiros, marinheiros e diversos profissionais do ramo.

No início dessa colonização, o único acesso a Porto Feliz era por água, ou seja, um tráfego fluvial pelo grandioso Rio Uruguai. Com o passar dos tempos, com a visita do governador Adolpho Konder pela região no ano de 1929, e as negociações com representantes governamentais gaúchos, surge uma estrada vinda do Rio Grande do Sul, que atravessava pelas Águas do Prado, hoje Vicente Dutra, chegando até a balsa (existente até hoje), onde se atravessava para o lado catarinense, chegando diretamente à sede do município de Mondai. Essa estrada era chamada de estrada do Sertão, pois por sua extensão de 40 km passava uma densa mata virgem. Mesmo com o sonho dessa estrada realizado, outro problema surgia com as chuvas: a

estrada ficava toda enlameada, fazendo com que o acesso se tornasse mais difícil e muito mais perigoso. Exemplo disso era que se levava três dias para fazer uma viagem de Porto Feliz à Barril (Frederico Westphalen).

Outras adversidades sobrevieram naquela época tão remota. Em 1924, chegou a Coluna de Luiz Carlos Prestes, que negociou a passada pacífica de seu exército. Segundo o acordo oral, eles ficariam apenas alguns dias de passagem até seguirem para o destino final. Na última noite de estadia dos soldados, alguns deles, os mais desclassificados, entraram no galpão da companhia colonizadora e levaram todos os objetos que acharam de maior valor. Foram caixas e mais caixas saqueadas de um material que fazia parte da mudança dos colonos recém-chegados. Como era cerca de 1500 homens, a população precisou dividir a comida com eles, e quando foram embora a miséria começou. A comunidade possuía uns cinquenta bois, que estavam sendo alimentados em uma colônia, para que servissem de auxílio na construção da primeira madeireira, que também foram levados por Prestes para o abastecimento de seus soldados no caminho para o Norte. Além de deixar a colônia um tanto quanto desprevenida, pois até então não havia comércio, as tropas trouxeram uma epidemia para a vila: o tifo.

Mesmo com muitas mortes provocadas pela epidemia do tifo, os colonos que superaram a doença permaneceram firmes e fortes na luta para a sobrevivência. Em novembro de 1928, foi construída uma linha telegráfica vinda de Chapecó e também foi fundada uma agência de correios. Em 1929, a colônia foi abastecida com luz elétrica e, daí por diante, a pequena vila se transformou em uma cidade que não é nenhuma metrópole, mas é o orgulho dos munícipes que ali residem.

Mondaí, que é considerada a capital da fruta, hoje é uma grande potência moveleira. O interior conta com plantações de árvores frutíferas e com o cultivo da silvicultura, ou seja, o reflorestamento em grande escala com madeiras de lei é constante e perceptível ano a ano. Quanto à educação, Mondaí continua bem habilitada, possui duas escolas estaduais, quatro escolas municipais e dois pré-escolares. Tudo começou calamitosamente, porém os batalhadores pioneiros transformaram a mata virgem em uma cidade.

3.6 Entre Cascalho e Passarinhos: Palmitos

Dos oito municípios analisados, Palmitos é a maior cidade. Trata-se de um município rico no setor agrícola, considerado a capital da produção e do vinho colonial. Como percebemos por seus títulos, Palmitos é uma terra onde tudo que se planta dá, uma terra que além de ter muitos criadores de perus, frangos, porcos, gado leiteiro e de corte, peixes, produz também uma grande quantidade de cereais tais como feijão, milho e soja, sem contar a grande produção de fumo e uva. No entanto, sua sede passou por algumas mudanças, primeiramente se localizava na Linha Cascalho onde foi trasladada para Linha Passarinhos e, posteriormente, para sua sede de hoje.

O município que era distrito de Chapecó conseguiu a sua emancipação político-administrativa em 30 de dezembro de 1953. As colônias de terras eram conhecidas como terras devolutas e eram chamadas de núcleos, onde se instalava um núcleo principal e, a partir dessa demarcação, eram sinalizados os lotes rurais e urbanos, sendo que, quanto mais próximo eram da vila, mais caros custavam.

Palmitos foi colonizado pela Companhia Territorial Sul Brasil que, em 1926, instalou sua sede em Cascalho. Dali colonizava outros municípios aos redores. Conforme os escritos de Schreiner (1996), o povoamento começou em Cascalho, que contava com várias repartições públicas, tais como a Intendência (Prefeitura), a Coletoria (Exatoria) e o Cartório, este último extremamente importante por causa das escrituras. Cascalho se localiza às margens do Rio Uruguai, e em 1929 todas as terras ao redor dessa colônia já estavam vendidas. Muitos colonos compraram vários lotes, revendendo-os também, por isso a companhia decide mudar a sede para Passarinhos, sete quilômetros acima do rio.

Nesta colonização, a companhia construía um grande galpão em sua sede e ali abrigava os novos imigrantes que viriam a se estabelecer no local. Os novos moradores permaneciam no galpão até que a construção da moradia ficasse pronta. Do galpão, os colonos eram divididos entre alemães católicos e evangélicos, italianos católicos e evangélicos e teuto-russos, cada qual iria para uma colônia diferente. Com o passar do tempo, a demanda foi ficando cada vez maior, misturando, assim, todas as etnias.

Na época, os colonos desconheciam alguns documentos necessários para a aquisição das propriedades, pois eles eram analfabetos em sua grande maioria. Conforme afirma Schuh (2011), a palavra escrita não tinha o menor valor sobre a falada.

Uma população, em sua maioria não alfabetizada, de quem era exigido, para aquisição e registro de lotes, documentos que estes sequer imaginavam existir. A palavra escrita não tinha qualquer sentido, pois que a palavra falada, o dito, tinha para eles maior peso. Um modo de vida, uma organização, um conhecimento pautado na oralidade, na transmissão de conhecimentos, de saberes relacionados sobre terra e às coisas de terra, ao cultivo, à criação, à religiosidade (SCHUH, 2011, p.56).

Tudo era infinitamente mais complicado, pois no verão ia-se à roça antes do nascer do sol, e no inverno após a geada. À noite, era necessária a realização de muitas atividades, principalmente a mulher que precisava esquentar a água para o banho, acender o fogo, cortar a lenha, preparar o janta, cuidar dos filhos; enquanto ao homem se dedicava no trato dos animais. Filhos eram sempre muito bem vindos, pois, quanto mais braços, mais trabalho era realizado nas lavouras. Além do mais, como o comércio era escasso, os mantimentos que provinham da lavoura eram suficientes para alimentar mais filhos. Schuh (2011) afirma que o trabalho era intenso, e todos os braços da família que conseguissem segurar uma enxada ou uma foice deviam ser aproveitados. De fato, não é que as famílias não tinham amor e carinho para com seus filhos, porém, era uma época tão difícil que faltava tempo para a atenção às crianças. Para os pais, a maior entre as prioridades era o trabalho.

Quem habitava as regiões à beira do Uruguai (Passarinhos, Ilha Redonda, Nova Brasília) tinha um pouco mais de sorte, porque do outro lado do rio estava Iraí, cidade muito famosa por suas águas termais, o que lhe rendia muitos turistas. Então, o povo palmitense aproveitava para vender seus mantimentos produzidos na roça, assim também como carnes de caça e pesca. Mesmo porque, quando matavam algum animal para o consumo, este deveria ser consumido logo, pois não havia geladeira para guardá-lo. Quando o animal era um pouco maior, as pessoas davam para os vizinhos mais próximos, e assim, quando esses carneavam, o gesto era repetido. Como a vila teve um forte crescimento, principalmente a partir da década de 40, o comércio local foi

ficando mais intenso, os produtos eram transportados de caminhão para cidades do estado do Paraná e de São Paulo. O fumo era mais fácil de ser vendido, pois havia um comércio de grande porte em São Carlos.

Para quem era balseiro, a vida era mais complicada ainda. Quando começava a chover, ele deveria ter os mantimentos prontos para a viagem, pois o rio subia e era a hora de levar a madeira para a Argentina. Muitos colonos, quando não era época de safra, trabalhavam como balseiros para ganhar uma renda extra. Quando chegavam ao destino final, alguns voltavam de caminhão, de ônibus, de trem, alguns ainda retornavam de lancha pelo próprio Rio Uruguai.

Os alemães evangélicos ficaram em Palmitos, mas com o passar do tempo muitos italianos católicos também chegaram à comunidade, ficando muito tempo sem atendimento religioso, pois não havia sacerdotes para atender a localidade. E, como as etnias foram se misturando, até hoje há comunidades com os dois credos religiosos, ou seja, com duas capelas. Porém, quando o padre da paróquia de São Carlos, vinha para Palmitos, ele fazia tudo o que tinha que ser feito: batizados, casamentos, celebrações eucarísticas. O padre ficava hospedado na casa de algum colono até terminar suas atividades. A paróquia católica foi criada em Palmitos apenas em agosto de 1955, com o nome de São Judas Tadeu, existente até hoje no centro da cidade.

Lazer e divertimento eram palavras praticamente desconhecidas pelos colonos que aqui chegaram, o trabalho era muito, não deixando tempo para outra coisa. Durante a semana, o trabalho era árduo na roça, e nos fins de semana as atividades eram mais leves, consideradas atividades de descanso. O maior divertimento ainda era se reunir com os vizinhos para tomar chimarrão, chupar bergamotas, conversar, cantar, jogar baralho. Os homens também iam caçar e pescar, já as mulheres faziam cucas, bolachas, bolos, costuravam. Isso era o lazer dos colonos.

Alemães e italianos que chegavam ao município tinham prioridades a serem realizadas, os italianos construía a igreja e os alemães a escola. Os pais eram muito preocupados com a educação de seus filhos. Muitos pais, mesmo sem condições financeiras para pagar o estudo de seus filhos, se esforçavam bastante, para que pelo menos os filhos pudessem frequentar os

quatro primeiros anos. Nas comunidades que não havia escolas, os pais mandavam as crianças morarem na casa de um parente próximo a uma escola, para que assim pudessem frequentar as aulas. Então, as crianças estudavam em um turno e no outro ajudavam nas tarefas do anfitrião, para que assim pudessem pagar a hospedagem e a comida. As quatro séries ficavam na mesma sala, dessa forma a professora explicava as atividades para uma turma, enquanto as outras três faziam as suas. O estudo não era forte, servia apenas para alfabetizar, ou seja, os alunos deveriam sair do quarto ano sabendo ler, escrever e fazer as quatro operações.

O primeiro hospital foi fundado no início de junho de 1952. Seus fundadores eram de origem evangélica, sendo assim, quando algum católico precisasse ir ao médico, mesmo que a contragosto, acabava cedendo. Entretanto, resistiam ao máximo possível, pois contavam com chás, remédios caseiros e até benzedadeiras. Os partos eram geralmente realizados por uma parturiente, que, além de ajudar a mãe na hora do parto, alertava para os cuidados para com o bebê e com a mãe nos primeiros quarenta dias.

Palmitos conta com algumas fontes de águas minerais. Uma delas fica localizada em Ilha Redonda, a comunidade possui um belo balneário, com hotéis, pousadas, bares e restaurantes, tudo para uma ótima recepção dos turistas que ali chegam. A outra fonte fica em Linha Taquarussú. As águas pertencem ao governo Federal, porém, as águas de Ilha Redonda possuem concessão, as de Taquarussú ainda não. Esse balneário é muito visitado, não somente pela população palmitense e da região, mas também por pessoas de todo o país e de alguns países da América do Sul. Entretanto, a população do balneário recorda com muito pesar a enchente de 1965, que levou tudo o que havia nas margens do Rio Uruguai.

O município conta com quatro escolas estaduais, cinco escolas municipais, quatro creches e uma escola particular. Possui uma extensão da UDESC, uma faculdade particular e mais alguns centros de ensino à distância. Há a Casa de Cultura, que contém projetos diferenciados para os alunos. Na questão cultural, há festas italianas, alemães, bailes de chopp e as mais diversas festas nas comunidades do interior tais como a festa da polenta, a festa do frango e do peru, festa do búfalo, festa da cuca, festa da galinhada,

feira do porco e do peru, festa do meio frango, festa da mandioca, festa do novilho no rolete; enfim, tudo de acordo com a cultura dos habitantes.

3.7 A terra das matas de mel: Iracema. Riqueza.

Como o próprio hino do município de Iracema ressalta: Di Domênico (2010, p. 15) “[...] desbravadores de cultura diferentes, aqui plantaram seus sonhos e ideais, misturaram lágrimas misturadas com sementes, colheram flores, colheram frutos, colheram paz”. Trata-se de um município colonizado principalmente por teuto-russos, que tiveram coragem para enfrentar todos os obstáculos aqui encontrados, mata fechada, feras, mosquitos, além da falta de médicos, dentistas, comércio em geral. Enfim, podemos afirmar que não foi nada fácil o começo da colonização para esses bravos colonizadores. Para Di Domênico (2010, p. 22), os obstáculos vencidos pelo povo teuto-russo no primeiro momento, “[...] na derrubada das matas, na plantação, na alimentação com pratos estranhos ao seu paladar ou na comunicação por meio de uma língua que não dominavam – resultou numa verdadeira troca de saberes entre as diferentes etnias”.

Para o povo dessa cidade, o nome tem sua origem na “riqueza” das madeiras existentes na época de sua colonização: elas eram chamadas “madeiras de lei”, ou seja, madeira branca. Os colonizadores diziam “que riqueza em madeira!”, comprovando de fato a originalidade de seu nome.

Outra questão bastante relevante diz respeito à religiosidade desse povo. Todos, seja qual fosse a etnia, eram pessoas extremamente religiosas. Se alguém lhes impedisse de fazer seus atos cerimoniais, seria como se fosse a morte. Di Domênico (2010) afirma que morreriam se preciso fosse, mas não deixariam de ter fé, acreditar em Jesus Cristo e no Deus supremo.

A maioria dos imigrantes que ali se estabeleceram eram homens e jovens, oriundos de regiões interioranas sem nenhuma capacitação, muito menos qualificação profissional. Porém, tinham um sonho de vir para novas terras, as chamadas “terras devolutas”, onde tudo que fosse plantado daria em abundância, e realmente dava. No entanto, a falta de condições para venda destes produtos fazia tudo se estragar.

Os teuto-russos foram os principais colonizadores do município de Riqueza, Iracema. Primeiramente, a Rússia fez bondosíssimas propagandas para a população alemã, afirmando que se fossem morar em seu país teriam melhores condições de vida, melhor tratamento para com seus entes queridos; enfim, uma série de utopias. Muitas pessoas que estavam desanimadas na Alemanha foram realizar seus sonhos na nova terra prometida. Todavia, chegando ao destino almejado, à situação encontrada foi totalmente adversa. Contudo, o pior ainda estaria por vir, os russos proibiram a saída destas pessoas do seu território, elas deveriam permanecer em suas propriedades e desenvolver a cultura em conjunto com outras pessoas. Ou seja, todos deveriam plantar e colher em sociedade, mas os frutos dessas colheitas deveriam ser destinados ao governo ditador de Stálin. Isso causou uma revolta muito grande naquelas pessoas, fazendo com que elas adquirissem sentimentos de rebeldia e indignação. Mesmo não concordando com o sistema socialista imposto pelo governo Siberiano, todos deviam aceitá-lo. Como cita Di Domênico (2010, p. 30):

Esse processo é decisivo para os alemães (teuto-russos) que recusavam a integrar-se às comunas adotadas pelo sistema socialista. Isso provocou na Sibéria, em meados de 1929, um fluxo migratório muito grande, formado de teuto-russos, entre os quais estavam as famílias que vieram para terras da Companhia Territorial Sul Brasil no Oeste de Santa Catarina.

Sendo assim, muitas famílias foram obrigadas a fugir daquele lugar, durante a noite, deixando tudo para trás, inclusive as luzes acesas para que ninguém percebesse o que estava acontecendo. Essas pessoas “sem-teto” fugiam para a Alemanha, que acolhia esses “imigrantes” que eram, na verdade, alemães de origem, dando-lhes abrigo, arrumando empregos, mesmo que fosse como diaristas, somente para arranjar dinheiro para a comida e agasalhos, já que na Europa costuma fazer muito frio. O país da Alemanha disponibilizava a legalização dessas pessoas e conseguia passagens, que eram vagas em navios, para que essas pessoas pudessem começar suas vidas em uma nova pátria. A viagem era um tanto quanto longa, pois nessa época só havia navios movidos a vapor, o que resultava em muitos dias em ato mar.

Entretanto, com todas as dificuldades enfrentadas, não somente depois que aqui chegaram, mas desde a saída da Sibéria, a vida foi extremamente difícil, e podemos garantir que fugir da Sibéria não foi tão árduo quanto habitar uma região “deserta”. Esses pioneiros abriram picadas, construíram cabanas, estradas, casas, ferramentas, e, com o passar do tempo, uma nova vila já estava iniciada. Antes de se fundar a sede atual do município de Riqueza, tudo começou na Linha Iracema, uma pequena vila, nas margens do rio. Ali, os desbravadores iniciaram suas atividades desde a primeira plantação até a mais moderna construção.

Com o passar do tempo, foi se formando a vila de Riqueza. Cada vez mais, novos imigrantes de outras etnias foram estabelecendo suas residências na vila, adquirindo lotes ou comprando colônias de terras nas redondezas. Mesmo que todos os habitantes daquele local fossem de etnias diferentes, todos, a seu modo, tinham uma grande dedicação pela educação dos filhos e possuíam uma fé exorbitante. A primeira igreja católica da cidade foi criada em 1936, construída com a ajuda de todos os membros católicos. Já a primeira escola teve seu início em 1931, na Linha Iracema mesmo, sendo que as aulas eram ministradas na igreja da comunidade. Havia aula em todos os dias da semana e no sábado pela manhã, quando os alunos estudavam até às 10 horas e, depois, faziam a faxina do local.

Como já foi dito anteriormente, as dificuldades existentes eram enormes. Principalmente porque na época em que Riqueza foi colonizada, no ano de 1930, este local pertencia a Palmitos, distrito de Chapecó. Então, tudo ficava mais laborioso, pois, para fazer documentos pessoais tais como, registro de nascimentos, casamentos, óbitos, as pessoas precisavam se deslocar até a comunidade de Passarinhos, pois ali era o local mais próximo que havia um Cartório de Paz. No entanto, a situação social das pessoas parecia estar melhorando, surgindo assim o primeiro bar, o clube de danças, muito famoso e existente até hoje: Ginástica Esporte Clube.

Mesmo sendo uma pequena vila, era muito organizada, com seus costumes; tudo era muito bonito. As pessoas gostavam daquilo, sempre que havia um casamento, os convidados se reuniam durante a semana para arranjar os detalhes da celebração. Desde sempre, as pessoas foram amigas, companheiras, querendo o bem um do outro, o que fazia a vila evoluir cada vez

mais. Como a madeira era muito boa, com o passar dos anos foram surgindo muitas madeireiras, que começaram a render lucros para aquela nova cidade. Assim, surgiram comércios diversificados, posto de gasolina, hotel, enfim, atribuições necessárias para o desenvolvimento econômico e sustentável de qualquer localidade.

Para finalizar o breve excerto sobre a bela cidade de Riqueza, gostaria de compartilhar duas estrofes do hino dessa cidade, que conforme o que expomos acima:

Nossos heróis não são frutos de uma guerra, é gente simples, honesta e ordeira. Mãos calejadas, coração aberto e franco, nossa riqueza é nossa gente hospitaleira. / Terra banhada pelas águas do Iracema, lugar sagrado em que a gente quer morar. Quem aqui vive tem o respeito de sua gente, quem vai embora pra sempre, sonha e quer voltar. Sem mais nada a declarar.

3.8 O Porto dos Cantadores: São Carlos

Por volta de 1927, Carlos Culmey, diretor da Companhia Territorial Sul Brasil, começou a desbravar a cidade de São Carlos. A cidade recebeu este nome pelo carinho que os pioneiros tinham por seu diretor. O primeiro local onde os colonos se fixaram recebeu o nome de Porto dos Cantadores, pois nas horas de descanso eles se reuniam ali para cantar velhas canções populares.

Os desbravadores não tinham noção do tempo, então comiam quando achavam alguma comida pela mata. Comiam também os alimentos que plantavam, como o arroz, o feijão, o milho, etc. Do milho, inclusive, faziam polenta e pão de milho. Além de muitos animais selvagens, também encontraram ali alguns índios, entretanto, este povo não fazia mal algum a ninguém, tinham muito respeito, principalmente com o seu chefe. Esses índios vendiam cestos, chapéus e outros utensílios que eles mesmos fabricavam.

Quando precisavam comprar alguma coisa, os desbravadores se dirigiam até Nonoai, e todo esse trecho era realizado a pé ou a cavalo. Mais tarde, quando já tinham alguma coisa para vender, como cachaça, ovos, galinhas e banha, os colonos levavam até Joaçaba. A partir daí, as viagens eram realizadas com carroças. Junto com as mercadorias, eles levavam muitas facas e pinga, pois, como era tudo no meio da mata, tinham medo dos

bandidos que existiam pelas estradas, que roubavam as cargas e até matavam.

Em dois de Abril de 1931, foi fundada a paróquia São Carlos Borromeu, pois, mesmo sendo de maioria alemã, esses desbravadores eram católicos e muito religiosos. Frequentavam a igreja assiduamente. Os pioneiros vinham de antigas e já não prósperas colônias do Rio Grande do Sul, em busca de novas e prósperas terras. As pessoas iam para a igreja todos os domingos, pois estes eram considerados o dia de descanso, e assim, depois do culto ou da missa, saiam para passear na casa de algum vizinho ou parente.

Já no ano de 1938, São Carlos foi promovido a distrito do então município de Chapecó, do qual se emancipou em 21 de fevereiro de 1954. De São Carlos, desmembraram-se os municípios de Saudades, Pinhalzinho, Modelo e Cunhataí em 1995.

Quando chegavam a São Carlos, os colonos eram encaminhados até a “casa do colono” e ali recebiam as primeiras assistências. As mulheres e crianças permaneciam neste local, enquanto os homens, juntamente com os filhos mais velhos, saiam em busca de suas colônias para começar as atividades referentes à mata e à futura plantação. A companhia colonizadora era bem organizada, pois demarcava os lotes de terra, contendo água em todos eles.

Como ainda tudo era muito precário, não era possível construir pontes sobre os rios. Então, este problema era solucionado com a construção de pinguelas. Assim, os lotes eram divididos entre lotes urbanos e rurais, sendo que os urbanos eram mais caros e menores do que os rurais. Assim, a partir da década de 30 começaram a chegar os imigrantes que ocupariam os lotes rurais do município de São Carlos. Conforme explana Zenaide Kerbes (2004), além da hostilidade da mata, das feras e serpentes, havia as dificuldades da falta de meios de transporte, uma vez que se dispunha apenas do Rio Uruguai como única via de acesso.

Esses colonos vinham para o Brasil encantados pelas propagandas realizadas pela Companhia Colonizadora Sul Brasil em jornais do Rio Grande do Sul. Mas o que trazia mesmo os colonos eram os próprios colonos, que faziam boas propagandas “boca a boca” sobre as belezas e a fertilidade das terras do lado catarinense. Contudo, quando aqui chegavam, se

decepcionavam na maioria das vezes. Pois o que encontravam não era exatamente aquilo que havia sido comentado, ou seja, as terras eram cobertas de matas densas, com feras selvagens, mosquitos, presença de índios e caboclos, etc. Porém, não havia mais nada a se fazer, voltar era muito difícil, o jeito mesmo era enfrentar tudo e começar do zero mais uma vez.

A abertura das estradas era o trabalho mais difícil a ser feito, pois os colonos não possuíam muitos materiais, apenas foice, machado, facão e carroça. Muitos trabalhadores ajudavam na construção das estradas, pois assim a companhia colonizadora descontava dos juros das dívidas das terras. Sem contar que era possível pagar a terra com o dinheiro da venda das madeiras.

A partir da década de 60, a comunidade passou a ter luz elétrica oriunda de uma roda d'água, que também era usada para abastecimento do moinho. Tudo começava em passos muito lentos, mas os colonos tinham calma, esperança e fé de que um dia tudo ficaria melhor.

O problema maior era a falta de médicos e de hospital, pois, como viviam no meio da mata, as doenças surgiam com maior intensidade. Porém, surgiu em Pratas, distrito de São Carlos, um "médico" que não tinha formação, mas sabia muita coisa relacionada à medicina. Em relação aos partos, eles eram realizados por parteiras que existiam em certo número por toda a região. Essas parteiras acompanhavam o parto da mãe e davam os primeiros auxílios, como informar a mãe sobre o que fazer nos primeiros quarenta dias de vida do bebê e sobre algumas restrições após o parto.

As terras eram férteis, assim, tudo o que se plantava era colhido e em grandes quantidades. Eles plantavam: feijão, mandioca, batatinha, batata, milho, hortaliças e a principal renda era o fumo. Além disso, criavam animais como: porcos, galinhas e gado. O milho era levado para o moinho, onde se fazia a farinha. O que não era consumido pela família era levado para vender. O povo era sempre muito unido, a comida era bastante variada entre caça e pesca, e, quando o animal abatido era muito grande, eles o dividiam com os vizinhos. Dessa forma, sempre havia carne para comer, até porque não havia geladeira para se guardar os alimentos. Na comida, eles colocavam cinza, pois não havia sal.

No interior de São Carlos, as tecnologias começaram a surgir a partir da década de 80. O município tinha um balneário também, foram construídos hotéis, pousadas, piscinas, banheiras, pois essas águas eram minerais, e atraíam muitas pessoas de toda a região e também de outros estados do Brasil. As águas eram consideradas milagrosas, o que convidava ainda mais pessoas para tomar banho nessas fontes.

O primeiro posto de saúde foi inaugurado no ano de 1972, contendo um médico para atendimento ao público. Sempre preocupados com a educação de seus filhos, havia uma escola em todas as comunidades do interior. Elas foram extintas em 2000, apenas a Linha São João possui ainda uma escola municipal que atende o pré-escolar, as séries iniciais e o ensino fundamental. Atualmente, São Carlos possui duas escolas estaduais, uma escola municipal e uma escola particular.

A cultura do povo é, em sua maioria, de origem alemã que tem preservado a arquitetura, as tradições, as vestimentas, as comidas e as festas. Assim, São Carlos é uma cidade que começou da mesma forma como as oito cidades investigadas, e no meio da mata densa construiu um grande município. Os desbravadores, fortes, guerreiros, esperançosos e determinados, não se subestimaram a nada, o seu foco era construir uma vida melhor para seus filhos.

Visto alguns aspectos do território onde vivem as pessoas entrevistadas e algumas facetas do seu contexto histórico, podemos agora nos debruçar sobre a análise de suas falas, reflexos de suas memórias.

4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA: OS PERCALÇOS DA COLONIZAÇÃO

Neste terceiro capítulo, debruçamo-nos sobre a análise das entrevistas, sobretudo no que se refere às lembranças do processo de colonização do Oeste Catarinense. Como foi dito, nosso objeto de investigação são as histórias de vida obtidas em cada cidade, as quais apresentamos anteriormente. Nas histórias apresentadas, serão analisadas as semelhanças e as peculiaridades existentes entre si.

As entrevistas foram realizadas de acordo com o seguinte roteiro. Primeiramente, procuramos a prefeitura dos oito municípios analisados para que pudéssemos saber quais foram os primeiros imigrantes que colonizaram cada cidade. Descobrimos os que ainda viviam nas cidades e direcionamo-nos até as casas de cada família. A pesquisa possui um roteiro que contém 13 perguntas abrangendo assuntos que serão detalhados posteriormente. Todos os entrevistados foram gentis e atenciosos, e, mesmo sabendo da presença de um gravador, não se sentiram envergonhados e se expressaram de uma forma simples, relatando as partes que julgaram mais significativas a respeito de suas trajetórias até os dias atuais.

Para nós, desenvolver esses diálogos foi fascinante. Ao mesmo tempo em que ouvíamos e anotávamos os detalhes das falas, a emoção e a imaginação pareciam nos envolver juntamente com a reminiscência do narrador. Podemos dizer, pelo que vivenciamos, que a abordagem realizada com os entrevistados não foi fácil em momento algum, pois essas pessoas são para nós como heróis, heróis pelas suas biografias, pela maneira como desbravaram arduamente o local onde habitam hoje em dia.

Temas básicos foram abordados no questionário: Como era a vida antigamente? Quais os divertimentos que existiam? Como era a questão do dinheiro ganho pela produção cultivada na lavoura? Gastavam com farmácia, médicos, dentista, roupas, mantimentos alimentícios? Como eram as escolas, as igrejas, os casamentos, a convivência em família, a educação dos filhos? Contava-se histórias para eles? Enfim, temas essenciais que foram compartilhados numa linguagem coloquial, branda, conforme o jeito da pessoa

entrevistada. Acreditamos que não fizemos uma “entrevista”, mas sim uma conversa.

Por questão operacional, selecionamos as entrevistas que nos pareceram mais relevantes para o objetivo da pesquisa. Os entrevistados selecionados por ordem alfabética são:

- a) Ângelo Antônio Guarda, 67 anos, agricultor e residente na Linha Salete (Cunha Porã);
- b) Armando Kerbes, 64 anos, vereador, residente na cidade Cunhataí;
- c) Carmela Frumi, 67 anos, agricultora, mora na Linha Cambucica (Riqueza);
- d) Elimar Artur Bader⁶ *in memoriam*, construtor, residente no município de Mondai;
- e) Ivalino Fortunatto Canello, 82 anos, agricultor, residente no distrito de Santa Lúcia (Palmitos);
- f) Jair Rigotti, 79 anos, pescador, residente no município de São Carlos;
- g) Maria Aimi Gandolfi, 73 anos, residente no município de Caibi;
- h) Oneide Poletto, 71 anos, agricultora, residente na cidade de Águas de Chapecó.

A semelhança entre essas oito pessoas é que agora todas elas estão aposentadas.

⁶ No decorrer de nossa pesquisa, infelizmente o senhor Elimar Artur Bader veio a falecer. Esse fato ocorreu alguns meses após a entrevista.

4.1 A vida como ela era

Partimos da principal pergunta, aquela que consideramos o eixo norteador da presente pesquisa: Como era a vida antigamente? Percebe-se um ponto comum nas falas: o sofrimento sentido em suas mais sinceras respostas. Para Ivalino Fortunato Canello, “[...] era bem diferente do que hoje, muito diferente, não se compara [...]”; De acordo Carmela Frumi, “[...] era bem mais difícil [...]”; Jair Rigotti morava na beira do rio, então, para ele “[...] o trabalho era muito sofrido, íamos pescar para o sustento da família [...]”; Elimar Bader viveu tempos de opressão, “[...] era tempo de guerra no meu caso, o pai foi preso porque falava alemão e ele não sabia falar português, o pai sofreu bastante naquela época [...]”; Ângelo Guarda comentou com bastante aflição o drama de sua infância: “[...] nós éramos muito pobres, e muitas vezes na hora de meio-dia a mãe mandava nós lá no potrero do José Bressan tirar bergamota para poder encher a barriga, pois não tinha o que comer [...]”; Armando Kerbes ajudou a desmatar as densas florestas existentes, “[...] Tirávamos todas as madeiras, o que não queimávamos, nós levava para casa nos poteiros, era tudo a mão, por isso eu falo, que hoje, as coisas são mais fáceis [...]”. No entanto, aquela que mais expressou profundo padecimento foi Oneide Poletto, “[...] vida sofrida, era viver a vida e trabalhar. Naquela época não tinha luz, não tinha telefone e não tinha televisão, trabalhar era tudo a mão, não tinha máquina pra trabalhar, pra nada. Até as estradas, a gente fazia de arado e de inchada [...]”. O que foi exposto anteriormente demonstra todo o padecimento sofrido pelas pessoas que desbravaram nossas terras.

Observamos nas falas acima o sofrer, a aflição desses “velhos” pioneiros, pois suas vidas resumiam-se a enfrentar as adversidades do meio objetivando a sobrevivência: desmatar, capinar, derrubar, plantar, colher e assim consecutivamente.

Conforme a resposta da maioria dos entrevistados surgiu a seguinte pergunta: A vida de antigamente era melhor do que agora? Ouvindo as manifestações acima, podemos supor que não. Contudo, Ivalino Canello contesta que “[...] hoje tem muitos divertimentos, mas também não era ruim, eu não achava ruim, éramos acostumados sem dinheiro, sem nada, não tinha luz,

não tinha fogão, não tinha nada [...]”. Da mesma maneira, pensa Carmela Frumi:

[...] Era mais sacrificada, mas por fim se torna melhor que hoje, se fosse os costumes todos iguais daquele tempo lá, as famílias seriam bem diferentes do que hoje, hoje tem muita liberdade, muitas coisas que talvez não tivesse e que não saberíamos que existissem, as famílias eram bem mais reunidas e hoje tem tanta coisa ruim [...].

Na mesma linha de raciocínio, recorda o pescador Jair Rigotti, “[...] ela era bem mais divertida, para a gente era, aquelas pescarias, aqueles peixes, nós íamos de noite pescar, só que não tinha assim muitas coisas, mas eu acho que era divertido, era sofrido, mas era divertido [...]”. Contudo, há uma divergência. Segundo Ângelo Guarda, “[...] eu acho que é melhor agora, é mais divertida, tem mais diversão, naquela época não tinha praticamente nada, eu acho que é melhor agora, todo mundo tem seu próprio dinheiro, é mais fácil para trabalha, à parte financeira é melhor [...]”.

Desta forma, podemos diagnosticar que essas pessoas, talvez não por terem sido de outra época, mas por terem vivenciado outra maneira de vida gostam daquele tempo, identificam-se com aquilo que viveram, pois mesmo tudo sendo diferente, muito mais fastidioso, ele tendem a pender para esse período.

4.2 Divertimento? Pouco. Trabalho? Muito. Extravagâncias? Raridade.

Uma tônica das falas são as ocasiões de divertimentos existentes na época, que eram bastante escassos. Ângelo Guarda afirma que não era como hoje:

[...] de vez em quando nós íamos aos bailes, porque futebol, moto na época não tinha, se queria ir algum lugar tinha que ir a pé. Quantas vezes nós saíamos daqui para ir aos bailes, mais ou menos uns dezessete quilômetros, íamos a pé, chegávamos lá quase escurecendo e já começava o baile, terminava assim quase quando começava há clarear o dia, não tinha hora marcada. E na época de inverno quando se vinha para casa ai você balançava a cabeça para baixo e o gelo caía, chegava em casa branco de geada, daí já era dia, nem dormia, fazia o serviço e ia para roça. Outro divertimento que tinha era pescar, caçar, correr em volta com bodoque para passar o tempo porque outra coisa não tinha, não era como hoje que as crianças desde os dez anos têm mil e um divertimento [...].

Para Armando Kerbes, “[...] a diversão era os cavalos, nos domingos íamos às vizinhanças, jogávamos bola nos poteiros... Nós fazíamos aquelas caretinhas para descer os morros. Era isso que tinha. Não tinha mais nada [...]”. Segundo Jair Rigotti, “[...] depois dos dezessete anos, nós fazíamos bailezinhos de terreiro com aquelas vitrolas, tinha só um disco, nós dançávamos a noite inteira com aquele disco toca-corda, e era ali que nós arrumávamos namoradas [...]”.

Seu Elimar Bader também gostava de festas, “[...] tinha bailes, festas, jogos de futebol, nós sempre íamos juntos se divertir, jogar um joguinho [...]”. No entanto, conforme Ivalino Canello, os divertimentos “[...] eram poucos, as piazadas de meio-dia, nós íamos a três, quatro casas assim, ficava só de mudança, ia tomar banho lá no rio [...]”.

Entretanto, o depoimento que denota maior padecimento foi o de Carmela Frumi, para ela “[...] de divertimento não tinha nada, era trabalhar e pronto, algumas vezes nós íamos jogar futebol, mas eram poucas vezes. Só trabalhar mesmo e cuidar da filharada [...]”. Porém, para dona Oneide Poletto, todo o sofrimento acima expresso não condiz com sua experiência: “[...] era divertido trabalhar o dia inteiro, nós andávamos a cavalo, colocava o trigo em cima do pano e ia com os cavalos e pisoteava em cima para debulhar o milho [...]”. Isso comprova que algumas pessoas, apesar do trabalho árduo o dia inteiro, eram felizes.

Esses pioneiros trabalhavam de sol a sol, do amanhecer ao anoitecer, capinavam, ateavam fogo na mata virgem recém-roçada, plantavam e colhiam nestas terras que eram para eles generosas, pois forneciam o sustento de suas famílias. Quando perguntados sobre o que plantavam, sem dúvidas, as respostas se coincidiram, logicamente, pois vivem em uma região muito próxima: feijão, arroz, trigo, batata, mandioca, soja, fumo; criavam porcos, abelhas para o mel, vacas para tirar o leite, hortaliças em geral.

Porém, tudo isso demonstra que esses colonizadores levavam uma vida aparentemente saudável, pois não tinham acesso às “porcarias” como hoje. No entanto, todas as colheitas, toda a alimentação era muito saudável, o problema é que tudo era feito com as próprias mãos, o que dificultava muito, pois o tempo era pouco para todas as atividades que havia para se fazer. Conforme

Rigotti, “[...] era tudo colhido a mão, o fumo nós trazia do fundo da colônia, nas costas para casa. O feijão era tudo batido a manguá; o milho, a gente quebrava e puxava com um cargueiro a cavalo [...]”. Armando Kerbes usou outra expressão para relatar essa façanha: “[...] era tudo a muque [...]”.

Desta forma, como a colheita era toda braçal, a família inteira trabalhava em conjunto, guardando em quartos escuros os mantimentos necessários até a próxima produção, e vendendo o que restava. Com o dinheiro da venda dos alimentos, todos compravam o que havia necessidade, como açúcar, café e erva. Gastavam também com médicos, dentistas, farmácias, mas nada em abundância, somente quando era extremamente necessário. Para Ângelo Guarda:

[...] Nós gastávamos muito com hospital e farmácia, o falecido pai, até quando ele morreu, ele passou por treze cirurgias. Em questão de pasta de dente, escova, isso a gente não gastava porque o único jeito de escovar os dentes era chupar cana. Nós aprendemos a escovar os dentes quando tínhamos 16 anos [...].

Como se percebe, a vida era bem fragilizada, os gastos eram contidos ao máximo, não porque eles não tinham uma boa higiene pessoal, mas por falta de dinheiro. Conforme Carmela Frumi, “[...] era tudo pagado, antigamente não tinha essas coisas [...]”. Para Ivalino Canello, quando questionado sobre dinheiro, “[...] sobrava um pouco, conforme ia ganhando algum dinheiro íamos comprando uma coisinha ali outra aqui [...]”. Já para Maria Aimi Gandolfi, ainda em relação à produção e ao dinheiro recebido pelas vendas:

[...] O meu pai comprava terras para dar pros filhos, fazia e não tinha banco, ele tinha uma cômoda no quarto dele, nós criávamos porcos, vendíamos carne de porco, vendíamos mandioca, o trigo era para levar no moinho, pra fazer o pão, imagina com doze em casa, ele tinha uma gaveta com a chave, ai tudo aquelas notas, nós ficávamos felizes, principalmente quando ele chegava em casa a cavalo, e nós íamos correndo abrir a porteira, lá era tudo fechado, ai tinha o portão, e eu ia ligeiro abri-lo, para quando ele chegasse, iríamos contar, daí ele dizia, vem cá, e contava tudo, e naquela época o dinheiro se chamava *patacon*, era tudo guardadinho lá dentro daquela cômoda, e com o dinheiro compravam terras para os filhos, mas para gastar com médicos não sabíamos o que era médico, eu até hoje quase não vou ao médico, eu me criei assim, eu não tomo remédio para pressão, nada, e a gente sempre se criou comendo comida natural.

Na questão vestuário, todos os entrevistados alegaram comprar rolos de tecido, assim, a mãe e as filhas mais velhas costuravam roupas para toda a família. Mais tarde, no decorrer da década de 70, os comércios locais começaram a trazer as famosas “peças” prontas. Então, tinha-se a opção de comprar o corte pronto para a costura em casa, ou a roupa pronta. Segundo Oneide Poletto, “[...] as roupas comprava tudo aqui, comprava o tecido, cortava, costurava, quem não tinha máquina fazia tudo a mão, era tão gostoso [...]”. O que nos dias atuais seria um sacrifício, para os colonizadores era algo “agradável”.

3.1 Festas e celebrações: O mundo religioso

No decorrer das entrevistas, perguntamos aos desbravadores como eram antigamente as datas comemorativas (por exemplo, o Natal e a Páscoa). Todos os entrevistados corresponderam afirmativamente, relatando que naquela época era tudo diferente do que hoje: eram mais divertidas, as pessoas esperavam ansiosamente para que chegasse, na semana que antecedia a data, eram feitas cucas, bolachas, doces caseiros, as crianças cortavam pasto para o burrinho do Papai Noel, os pais faziam rastros, aquilo fazia com que as datas tivessem mais “graça”. Segundo Armando Kerbes, “[...] era tão bonito, eu já tinha doze anos, eu ainda fazia pasto para o burrinho comer quando trazia presentes, hoje em dia a piazada já tem cinco ou seis anos e não tão nem aí [...]”. Carmela Frumi também relatou sua experiência com essas datas:

O natal era mais bonito, se você tem você vai ali, acha tudo o que você quer, e aquela vez a gente fazia tudo, era bolacha, cuca, eu me lembro de um doce de banana que a mãe fazia, não sei se era no natal ou na páscoa, só sei que era comprido, outro dia eu estava lembrando, eu fazia, era meio mole, tipo uma bala, e era passado um açúcar, mas também se tinha capricho, se fazia bolachinha pintada, e antigamente você não tinha mercado, você ia comprar chocolate quando, as tortas eram com um glacê, aquele cozido, de botar no forno um pouco, ele era seco, coisa boa aquilo, hoje não tem mais, hoje em dia o natal e a páscoa não tem mais graça para as piazadas, hoje tem tudo, e eles comem chocolate quando quiserem, não é só na páscoa ou no natal, não existe nem Papai Noel mais, não se acredita mais, mas era bonito, obedeciam, a nona sempre contava que nós íamos sempre lá no natal almoçar, e eu me lembro do burrinho, a nona era uma das mais velhas, e dizia que em todos os

natais dela eles se reuniam, a família, eles e mais a vizinhança, e íamos lá na casa da nona, ela tinha um casarão enorme, e ela sempre arrumava aquele pinheiro enorme, deixava ele plantado num vasinho, e depois que não dava mais para botar dentro de casa, se botava lá no poteiro e enterrava, e aí faziam aquele pinheirinho bonito, e rezava o terço antes da meia-noite, e depois chegava o Papai Noel, mas ainda tinha o São José, a Nossa Senhora, o menino Jesus. Todos os anos nós fazíamos aquilo lá, e era bonito, hoje perdeu o sentido, hoje tem de tudo, fazem aquelas festas, mas daí não se lembram mais do aniversário de Jesus, natal não é só comprar coisas, natal tem que estar de bem.

Essa percepção de dois mundos distintos, um do tempo passado e outro contemporâneo, são recorrentes. Oneide Poletto expressou sua opinião, afirmando que, nos dias atuais, as crianças não precisam esperar por datas comemorativas para comer chocolate ou outras doçuras, quando se tem vontade, se vai até um mercado e compra-se; “[...] nós não víamos a hora de chega o Natal, e hoje a piaçada não acreditam mais e doces estão comendo toda hora o quando chega o natal não tem mais graça de fazer nada porque já estão enjoados de comer [...]”. Maria Gandolfi comenta que preferia o natal daqueles tempos: “[...] pra mim até que era melhor, porque a gente sempre esperava por aquela ansiedade dos presentes, do papai-noel, hoje em dia parece que não tem mais [...]”.

Desde a vinda do Rio Grande do Sul, as famílias eram muito religiosas, católicas e evangélicas, com o passar do tempo, também luteranas. Sendo assim, os padres que vinham rezar a missa, fazer casamentos, batizados, eucaristias, crismas, uma vez por mês, eram bastante rígidos, cobravam das pessoas participação em datas comemorativas e explicavam sobre elas. Deve ser por isso que hoje isso não tenha tanta importância, muitas pessoas não frequentam mais as igrejas, preocupam-se com bens materiais, esquecendo a real importância de cada data comemorada.

Sempre muito rigorosos em suas falas, os padres ainda obrigavam as pessoas residentes de cada comunidade, que se propunham a construir sua própria sede da igreja, que a obra deveria ser realizada no ponto mais alto da cidade. Sendo assim, toda vez que o povo voltasse para suas casas, poderia ver aquela construção como o principal motivo para perseverar e seguir em frente, apesar de todas as adversidades. De acordo com Ângelo Guarda, “[...] o pai era o capelão, então na época o pessoal só rezava o terço, mas era a igreja cheia, todo domingo toda a comunidade vinha na igreja [...]”.

Naquele tempo, existiam poucos padres, então, eles se revezavam e realizavam as missas nas comunidades a cada mês, dois meses ou até mesmo, dependendo da distância da paróquia até a comunidade, uma única vez por ano. Para Jair Rigotti, “[...] a igreja era assim, o padre vinha lá cada dois meses, ele vinha rezar uma missa, todo mundo vinha lá aquele dia, a gente se confessava [...]”. No entanto, conforme Oneide Poletto, “[...] o padre vinha uma vez por ano quando eu era criança, todo o domingo rezava o terço”. Ivalino Canello relatou o que aconteceu com ele na sua primeira comunhão:

Era diferente do que hoje, o mais que se rezava era o terço, o rosário como era chamado, os padres naquele tempo só rezavam antes do meio-dia, de tarde não rezavam missa, as mulheres se elas iam receber a comunhão se não tinham um véu na cabeça não recebia a comunhão. Um dia aconteceu, quando eu passei a minha comunhão tinha uns treze anos, quando se ia passar a comunhão em um dia naquele dia antes passar a comunhão não podia colocar nada na boca nem água nem comida, nada. Eu fui dormir de noite e no outro dia eu acordei e vi que a mãe tinha assado batata no forno, e eu de manhã cedo levantei e comi uma batata, e a mãe disse que eu não ia passar a comunhão, mas eu fui igual na igreja, dava uns quatro quilômetros e a mãe chegou lá e disse para o padre, meu filho levantou e comeu uma batata, então não pode passar a comunhão, só o ano que vem agora. Eu ia passar a comunhão com doze anos, mas tive que ficar mais um ano e passei com treze. Não podia colocar nada na boca aquele tempo.

Os casamentos, por sua vez, eram com grandes festas, e hoje os enamorados dispensam tudo. Mesmo sendo grandiosos, eram realizados de forma bastante simples. Os preparativos, por exemplo, eram feitos na semana antecedente, toda a comunidade ajudava a família, faziam cucas, bolachas, bolos, pães, enfim, todos os comes e bebes necessários antes do dia do casamento. Conforme Armando Kerbes, “[...] vinha todo mundo, e não era assim o casamento, encenar e pronto, era de manhã cedo, almoço e depois festa, era baile, era gaita [...]”. Carmela Frumi expõe que os casamentos duravam para sempre, “[...] hoje em dia, olha só, é muita liberdade. A maioria dava certo [...]”. Sobre esse assunto, Maria Gandolfi explana que “[...] os casamentos eram coisas mais lindas, não eram que nem hoje em dia [...]”. Jair Rigotti complementa: “[...] Eram casamentos de verdade, não eram que nem hoje, ficam uns meses namorando e já querem se ajuntar e depois de uns meses juntos brigam e se separam e já arrumam outro [...]”.

4.3 A educação

Conforme vimos nas falas, antigamente, a vida, em todos os seus aspectos, era de extrema dificuldade. Quase todas as escolas estavam junto à igreja. Os anos passavam, o número de crianças aumentava cada vez mais, então, foi necessário construir uma escola, com um maior número de salas de aula, pois até então todos estudavam juntos, não importava a idade. Maria Gandolfi fez uma comparação com a escola dos dias atuais e de sua época:

Quando eu era pequena eu tinha que fazer cinco quilômetros para ir em uma escola, a pé eu e meu irmão, às vezes com uma geada grossa, o meu falecido pai comprou um chinelinho, o chinelinho era de dedo que ficava duro, me fazia bexiga em cima, eu tirava o chinelinho e nós escondia no meio de uma moita de taquaruçu, e nós íamos a pé de pé descalço, em cima daquela geada que chegava a florescer o chão, naquela época tínhamos professores bravos, nós íamos para a escola a pé, hoje em dia, os alunos vão para a escola com um ônibus que para na porta de casa, e tem gente que ainda não se dedicam, eu sofri para estudar, meu Deus.

Caminhar, e caminhar muito, era a sina deste povo, e nem por isso abaixaram a cabeça, seguiram em frente. Para Jair Rigotti,

[...] nós íamos lá longe, eram uns seis quilômetros, eram todos os alunos em uma sala só. Nossa merenda era batata assada, e numa altura nós escondíamos as batatas no meio do mato, depois que saíamos da aula, vínhamos correndo e cada um pegava sua batata [...].

A educação sempre foi pregada arduamente pelos padres, mas também pelos pais que cobravam de seus filhos. Carmela Frumi destaca que ensinava para os filhos o que aprendeu de seus pais, “[...] como a gente aprendeu também, ir à igreja, na escola, essas coisas, e agora nem na igreja não vão mais [...]”. Assim, era a forma de agir de Ivalino Canello que relatou:

[...] nós pegávamos sempre o jeito dos pais, ensinava como os pais ensinavam a gente, respeitávamos todo mundo, nós éramos católicos, então tinha que fazer como era o certo, nascia um filho, tinha que batizar, fazer a primeira eucaristia, crisma, tudo [...].

No entanto, os pais eram bastante austeros, as crianças deveriam se comportar, caso contrário apanhavam. Jair Rigotti defende que “[...] a educação

dos pais era boa, batiam, eles queriam que a gente andasse na linha, não é que nem hoje que você não pode bater numa criança [...]”. Hoje em dia está tudo diferente, parece que os pais não têm mais direito sobre os próprios filhos, quem afirma isso é Maria Gandolfi, ao dizer que “[...] naquela época, se a gente não obedecia se passava a vara, e hoje em dia se você passa a vara te chamam no conselho tutelar, se criavam com muito respeito [...]”. Oneide Poletto complementa que não havia a necessidade de espancar, “[...] eles iam na aula, não precisava surrar, quando falava eles entendiam [...]”.

Como todos seguiam seriamente a religião, não somente a católica, mas também a evangélica e, mais tarde, a luterana, depois de certo tempo todos os jovens de namoro deveriam se casar, e como todos os entrevistados relataram, os casamentos eram bem diferentes de hoje em dia. Ângelo Guarda conta que alguns casais casavam virgens: “[...] O casamento era a coisa mais importante na vida dos namorados, na época tinha namorados que casavam virgens ainda, tinha vinte a vinte e cinco anos e hoje? [...]”.

4.4 “Causos” e mais “causos”: A perda deste costume

Os entrevistados foram convidados a narrarem alguma história que aconteceu antigamente com ele, dando toda a liberdade para suas narrativas, ou seja, qualquer fato interessante que lhes aconteceu ou que lhes foi contado. Utilizando a temática livre, pensamos que os fatos lembrados poderiam ser usados como fonte da Literatura Oral, porém, o esquecimento nos fez ouvir apenas duas histórias que se encaixam nessa literatura. O objetivo dessa abordagem foi a de perceber suas recordações e identificar as temáticas. Foi lhes perguntado se os pais contavam histórias quando estes eram pequenos, as respostas foram em grande parte positivas. No entanto, a perda desse hábito também é retomada quando solicitados a contar um “causo”, muitos deles não lembravam mais.

Iniciamos com o “causo” de Canello:

Eles contavam muitas mentiras, mas tem uma história que foi realidade. Era o seguinte, um menino que se chamava Jaime, o seu pai foi uma vez comprar um pedaço de carne e era longe, mas o menino queria ir junto, e o pai dizia para ficar em casa com a mãe, e lá foi o pai comprar carne, durante esse tempo o menino fugiu, e

quando o pai chegou de volta ele já não estava mais, e começaram a procurar para lá e para cá, mas não conseguiram achar. Lá em Espumoso tinha uma turma de ciganos, e naquele dia eles saíram, então o pai correu atrás dos ciganos para ver se tinham levado o guri, mas não tinham levado, e disseram que o guri tinha ido para frente um pedaço e foi para dentro de uma roça e se foi, foi indo e quando vê tava no mato. Quando chegou de noite choveu e deu um raio na casa dele [o pai da criança], o raio deu onde estava a mulher deitada e o menino pequeno, furou a cama, no nenê não fez nada, mas na mulher tiveram que enterrar logo e deixaram só a cabeça de fora, todos ali em roda. Foram procurar o menino, e nada de achar, daí tinham derrubado um pinheiro e os caras que campeavam lá pegaram o pinheiro e atravessaram fora a fora aquele mato e não acharam. Então um homem foi plantar milho e escutou uma voz que chamava por pai e foi lá ver o que era, e tava lá o guri, onde tinham derrubado o pinheiro ele estava lá, lá onde tinha umas palhas que os homens tiraram para fazer cigarros. Quando ele avisou que achou o guri, daí foi um monte de gente, até o padre foi lá, naquelas noites tinha chovido coisa de loco, e naquele lugar onde tava o guri, estava enxuto que poderia colocar fogo que iria queimar, o médico examinou e disse que estava tudo bem, e que estava bem alimentado, e perguntaram ao menino quem levava comida para ele, e respondeu que era um *tato* [quem cuida de crianças], e aí levaram ele para casa, isso faz uns setenta anos.

Na narrativa de Canelo, percebe-se como o objeto da lembrança é um fato traumático, que envolve situação de quase-morte, tanto da mulher como da criança. Ilustra também a visão de desconfiança com grupos diferentes da comunidade, no caso os ciganos. Outro ingrediente é a presença do ser mítico ou transcendental, que dá ao caso o mistério e a sua aproximação com o fictício, o que não impede que o narrador afirme que foi “realidade”.

Guarda narra uma historieta bem divertida, mesmo que ao final admita que ela não é verdadeira:

Só me lembro de uma que a nona contava sempre, ela dizia que tinha uma onça que sempre aparecia numa lavoura e vinha e pegava um terneiro aqui, uma ovelha lá, e um dia ela pegou e levou uma pipa de vinho bem grande e fez um buraco em cima e foi se esconder em baixo da pipa para ver quando que a onça vinha, e ela veio, não é que por azar ela pulou em cima da pipa e enfiou o rabo dentro da pipa e ela assim bem ligeiro fez um nó no rabo e a onça ó por aqui arrastando a pipa, foi embora, passou-se uns três, quatro meses ela voltou nessa dita lavoura, a onça vinha vindo com a pipa presa no rabo e mais seis ou sete oncinhas com pipinhas presas no rabo. Dá para se ver que é história porque não podia acontecer.

De caráter cômico, é verdadeiramente uma estória. Percebe-se a etnia do contador no uso de algumas palavras que derivam da origem italiana como

pipa, nona; e rural, como lavoura, terneiro, onça, etc. Perguntado sobre a razão dessas histórias, respondeu:

Para passar o tempo, para fazer serão, na época não tinha televisão e com aquelas lanternas de querosene nós saíamos, era difícil ficar em casa, quase toda noite ia lá passear nos vizinhos, daí alguns sabiam tocar violão, nós cantava. Quem na época tinha bastante juventude, não é que nem hoje que estuda e se manda todos e ficam só os velhos, daí nós cantávamos, eles tocavam e os outros dançavam e ficavam lá até meia noite, uma hora e ficava contando histórias e causos para passar o tempo, e era difícil uma noite que a gente não saía fazer serão, hoje tem caro e não se vai mais a pé nem no primeiro vizinho.

Guarda ainda relata o anseio de contar histórias e piadas nos dias atuais. Ele comenta que participa do grupo de idosos e que há velhos que não se sentem à vontade em contar, e muito menos a ouvir piadas ditas “suja”, de caráter chulo. Assim, ele compara as histórias contadas em dois mundos distantes, pois eles adoravam ouvir histórias contadas por pessoas mais velhas, como o pai e o avô quando eram pequenos. Sobre o encontro dos idosos, afirma que

[...] às vezes a presidente diz: “se alguém sabe alguma piada é para contar, para divertir”, ai ninguém sabe, ou a gente sabe bastante mas só piada suja, e tem velhos ali que parecem que nunca foram casados e nunca ouviram falar de alguma coisa assim, as vezes você conta uma piada e ficam lá assim com uma cara que parece que vai te avançar.

Outro enredo muito encontrado nas narrativas diz respeito às lutas, às brigas, às revoluções e às guerras. São momentos angustiantes para quem passou e que permaneceu como tal nas mentes, nas memórias de quem as ouviu. Na fala de Kerbes, por exemplo, há o relato da passagem de seu avô na Revolução Farroupilha:

Meu avô era um piazinho, tinha sete anos, e ai o bisavô tinha aquele negócio, aquela barba, e os bandidos chegaram lá e levantaram a espada para cortar o pescoço e o avô estava escondido com a avó dentro do canavial, do lado assistindo a cena, e ele dizia que não era para cortar o pescoço, e eles ali e dizem que o avô tirou uma cana e levou-a para o cara, e disse pega essa cana e chupa, eu vou dar para esse ai também para não cortar o pescoço, e ele foi lá e dizia, tio, tio, pega a cana, chupa a cana e não corta o pescoço é o meu pai, e um falou assim, atenda o menino e não corta o pescoço, então ele tirou a espada e disse: olha menino, onde está sua mãe, tá ali deitada na cana, então chama ela, e disse, nós vamos deixar vocês, mas

queremos aquele boi ali mais gordo, e mataram aquele boi, cortaram um pedaço fora e o resto ficou lá, fizemos churrasco e festa, por causa do meu avô que era criança não mataram meu bisavô. (...) Eles fugiram da Alemanha, uns morreram no mar, outros mataram no desembarcar do navio, outros antes de embarcar.

O sentimento de perda, de morte está no depoimento de Maria Gandolfi, de Caibi. Ela perdeu o pai, a mãe e os filhos, uma mulher que tem nas costas uma bagagem cheia de tristezas, o que a consola é o neto e a família que residem bem próximos a ela. A dor e mágoa são presenças constantes em suas falas:

[...] ontem eu disse pro meu neto, eu tenho uma tristeza dentro de mim, que meu pai queria me ensinar a tocar gaita e minha mãe não deixou, até hoje eu tenho isso dentro de mim, eu gosto quando eu escuto a gaita, no começo quando meu pai morreu, eu não podia nem escutar gaita porque me lembrava o pai, e depois a gaita me toca muito, quando meus filhos morreram, eu também não podia escutar a gaita, eu não podia dançar, e eu gostava muito de dançar, mas não conseguia, e um dia eu sonhei que meu filho tocava gaita e eu e ele tocávamos juntos, eu sentia o cheiro dele quando ele chegava com a carreta, ele tinha aquele cheiro de óleo do caminhão, e vinha e me abraçava, ele dizia, mãe cheguei, ele vinha sempre bater na minha janela, para mim levantar abrir a porta, querido, e aquela noite eu sonhei e quando acordei, eu estava agarrada no travesseiro, e eu disse, você sabe porque sonhei isso, porque eles querem que eu me esforço, e eu comecei a ir nos clubes de mãe, nas promoções, aquilo me aliviou.

Sendo as respostas afirmativas, pensava-se que haveria muitas histórias para compartilhar, analisar. No entanto, nossos velhos lembram que lhes contavam histórias, mas muito poucos sabiam “recontá-las”. Com o passar dos anos, essas histórias acabam sendo esquecidas, pelo fato de que em vez de sentarem para uma boa conversa ou até mesmo, participar de rodas de contação de histórias, as pessoas preferem utilizar as ferramentas tecnológicas, proporcionando desta maneira, o esquecimento. De acordo com o pescador Rigotti:

[...] Nossos pais contavam, eu não era muito de contar histórias, eu gostava quando meu falecido avô materno que veio da Itália, ele sempre me pegava no colo e me contava como era a viagem, que ele veio da Itália para cá de navio, o que eu me lembro de que o nono dizia assim para mim: ‘quando nós saímos da Itália antes de embarcar no navio, o chefe disse quem morrer na viagem é jogado no rio, pois são quarenta dias e quarenta noites, nós chegamos aqui e saímos da Itália porque não tinha mais terras, eu vi uma terra para plantar verdura’. Chegaram aqui e viram toda aquela terra.

4.5 Tecnologias: choque de dois mundos?

O mundo da oralidade, do falar e do ouvir, do olho no olho. Coisas do mundo real, para o mundo virtual, ouvir sem “ver” quem fala. É isso que está acontecendo na contemporaneidade. O hábito de sentar, conversar, contar histórias está se perdendo, pois, como não há mais esse tipo de envolvimento familiar, e essa falta acaba sendo generalizada.

Sobre o hábito de contar histórias, temos algumas narrativas. Oneide declara: “[...] Não, não tinha tempo de contar histórias, tinha que trabalhar. Levantava cinco horas da manhã, tomava café, depois cada um ia cuidar de suas tarefas [...]”. Já para Guarda:

Contavam histórias, mas não faziam como os pais de hoje que abriam o jogo assim pros filhos, nós casamos mais analfabetos e tem meninos e meninas por ai com sete, oito anos que sabem muito mais que quando nós tínhamos dezoito anos. Meu falecido nono, meu pai gostava de contar histórias, que às vezes eu me lembro de que quando meu nono vinha lá em casa, vinham vizinhos, ficava até meia noite ou uma hora contando histórias, porque realidade acho que não era. Então ele fazia as micagens dele enquanto contava isso, que era o mais engraçado, porque o que faz ser engraçado em uma piada é saber contá-la.

As falas dão conta de uma transformação em todos os aspectos da vida humana. Como exemplo, Bader comenta:

Eu acho que não, porque hoje você sofre, existe cada vez mais concorrência, naquela época as pessoas estavam mais satisfeitas, tinham uma casa de madeira, tinha uma colônia, com uma carroça de boi, hoje tem que ter trator, tem que ter isso ou aquilo, acho que nesse sentido facilitou muito o trabalho, mas a preocupação da pessoa de manter isso hoje é mais difícil, acho eu. No sentido de se manter no mesmo nível dos demais, nós temos hoje uma época de consumismo, o consumo é muito fácil, ter ali quarenta prestações de quarenta e um reais, as pessoas se deixam levar com isso e depois não podem pagar, então fazem isso e fazem aquilo. Eu sou contra esse negócio de empréstimo dos idosos, consignado, tem muitos que fazem empréstimos, os netos e os filhos, e depois eles não devolvem mais o dinheiro que vão ter que pagar para os pais e avós. Existe uma exploração muito grande até entre família, os idosos são explorados nesse sentido, e a propaganda é muito grande e eles podem ter dívidas em outros lugares, o agente de seguros não vai ao SPC, o comerciante não vende para alguém que está no SPC, eu não sou contra isso também. Alguém me explicou, eles estão ai para vender, para arrecadar dinheiro para pagar as dívidas, tudo bem só que isso tem que ser controlado, lá no banco eles tem de dizer, olha

“você está negativado, e isso e aquilo, e se você não vai lá pagar nós cortamos o seu crédito, acho que tem que haver uma disciplina.”

Um saudosismo está presente na narrativa do representante de São Carlos, Rigotti. Sobre a vida, ele afirma que “[...] ela era bem mais divertida, aquelas pescarias, aqueles peixes, nós íamos de noite pescar, só que não tinha assim muitas coisas, mas eu acho que era divertido. Era sofrido, mas era divertido [...]”. Carmela Frumi tem esse entendimento:

[...] era melhor que hoje, quando chegava noite estávamos todos dentro de casa, uma vez era diferente, estávamos morando na roça, e sempre andávamos juntos, não era assim de sair, curtir, agora também tem gente que é assim, mas tem outras que não, ninguém mais quer saber. Todos assistem as novelas, a convivência mudou bastante, a gente tinha mais sacrifícios, mas era assim, e se voltassem hoje iria ser bom, iria ter mais diálogo, a gente poderia fazer serão, se visitar entre as vizinhanças, nós pegávamos o lampião e íamos, hoje em qualquer lugar eu só vou de carro, não está certo assim, mas vai fazer o que, mudar todo mundo não vai adiantar, nós não podemos mudar, eles não acreditam no que a gente diz.

Carmela Frumi, de Riqueza ao chegar à casa da nona já pedia para ela contar histórias, sobre qualquer assunto. Ao comparar se isso acontece hoje em dia, sente um breve desgosto, pois, para ela, os jovens não sentem mais atração por nada. Ela afirma que

[...] nós chegava lá e dizia para a nona contar, ela contava uma, contava outra, contava isso, contava aquilo, sobre religião, coisas que passaram, e nem me lembro, era tanta coisa que contavam, era bom de ver. Ontem eu estava falando para a piaçada que não tem mais nada para eles, só essas coisas de livros, uma vez tinha no catecismo, era uns três, quatro que contavam, sobre Jesus, sobre os santos, a nona era muito disso ali, a gente ficava escutando junto, porque a gente não tinha tempo, só se lêssemos uma história, mas ler é uma coisa e contar é outra.

Outra pergunta que nos parece pertinente na busca de respostas ao fenômeno da perda da prática de contar histórias é esta: você acha que a TV e o rádio não foram legais? Canello salienta:

Para escutar notícias sim, mas depois disso veio muita coisa ruim também. Você pode ver que quando vai numa casa fazer serão, aquela televisão lá ligada, algumas pessoas prestam atenção só na televisão, não ficam mais contando causos que nem antigamente. O que tinha acontecido antigamente hoje ninguém mais fala disso ai. Eu

garanto que tem muita gente que não sabe mais o nome do próprio avô ou até mesmo dos tios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas se fosse lembrar, o nono ficava assim do escurecer até madrugada, apesar de que no início antes de contar as histórias ele queria rezar o terço, daí rezava o terço e no final do terço rezava um Pai Nosso para cada santo até que um dos filhos esquentava o sabugo e o outro dizia, “pai chega” ai ele parava e começava a contar histórias, contava a noite inteira, e contava sempre coisas diferentes, hoje em dia é difícil, eu sei que temos encontros de idosos, às vezes a presidente diz, “se alguém sabe alguma piada é para contar, para divertir”, ai ninguém sabe, ou a gente sabe bastante mas só piada suja, e tem velhos ali que parecem que nunca foram casados e nunca ouviram falar de alguma coisa assim, as vezes você conta uma piada e ficam lá assim com uma cara que parece que vai te avançar.

A fala acima sintetiza o fio condutor de nosso trabalho, que tomou por objeto de investigação as reminiscências de moradores que residem em oito municípios do Oeste Catarinense. Dessa forma, atingimos nosso objetivo ao compreender o porquê dessa tradição estar se perdendo com o decorrer dos anos. A globalização da tecnologia no dia a dia das famílias, a perda do hábito de contação de histórias em virtude do uso das ferramentas tecnológicas está fazendo com que haja o esquecimento de muitas histórias que nossos velhos ouviam de seus pais e avós. A perda deste hábito tão importante para o desenvolvimento cultural da região local vem ocorrendo pelo excessivo gosto pela internet de um modo em geral. É lamentável ver, que um bem tecnológico que deveria vir para complementar, está desmoralizando a memória individual e até mesmo a coletiva da região extremo oeste catarinense.

Como pôde ser observado, a tradição oral foi a responsável pela literatura oral. Mesmo que esse gênero esteja um tanto quanto limitado, os estudos sobre esse assunto têm aumentado. São muitas as pessoas que querem trabalhar com essa literatura, até porque, antes da existência da escrita, tudo era transmitido oralmente. Mas, por outro lado, é perceptível um abandono da área letrada para com a literatura e a tradição oral, quem nos embasa esta afirmação é Câmara Cascudo (2010) em *Lendas Brasileiras para Jovens*, “ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular”. Parece-nos que a falta de interesse pela classe letrada para com a oralidade não deveria ser procedente, pois a base de tudo começou com a tradição oral.

Neste estudo procuramos dar ênfase à fala de nosso entrevistado, para saber realmente quais são suas lembranças, reminiscências, fatos que ainda lembram e, observar se as transmitem ou não para outras pessoas. Constatamos que nos dias atuais, a transmissão dessas falas não são constantes, ou melhor, são raros os casos. Exceto nas residências onde não se possui internet, as conversas e a contação de histórias ainda se faz presente, no entanto, são raros os casos.

A recordação se deve ao espaço da memória, ou seja, quando se está em algum lugar que faz lembrar-se de algo que aconteceu na infância ou em alguma etapa da vida, será mais fácil relembrar. Outro detalhe que fez com que nossos “velhos” recordassem alguns fragmentos de suas vidas foi à presença de pessoas que conviveram com os mesmos na mesma época, isso acontece, porque quanto maior for o número de pessoas que convivem conosco, mais nossas lembranças ficaram eternizadas.

Perante este cenário, com a conclusão desta pesquisa, almejamos que ela possa desenvolver um papel sociocultural importante nos municípios abrangentes, pois uma cópia fiel deste projeto será encaminhada para cada família entrevistada, ficará uma cópia para cada prefeitura municipal e outra cópia ainda será enviada para a Secretaria Estadual da Educação em Florianópolis, devido, à bolsa que financiou o projeto.

Sabe-se que este trabalho tem uma real importância, principalmente para a região envolvida nesta pesquisa, temos em nossa consciência que a oralidade juntamente com a contação de histórias deve ser preservada e transmitida para todas as gerações futuras. Para isso, esta dissertação é um veículo contra o esquecimento dessas narrativas.

Na questão de chamar os nossos entrevistados de “velhos”, tivemos a inspiração na autora Ecléa Bosi, e do seu livro “Memória e Sociedade. Lembranças de velhos” de 1994. Este livro explana a memória social na velhice, uma fase em que todos passaram, no entanto, muitos jovens ignoram. Portanto, Bosi, retrata seus “velhos” carinhosamente.

Ficamos com a sensação de que o hábito de contar histórias, ou mesmo a oralidade, tem perdido seu espaço, porque a memória trocou de lugar...

Parece-nos que o uso da tecnologia é mais “interessante” do que sentar e ouvir uma história. Porém, somente o futuro poderá dizer ou desdizer esse pressentimento.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter et al. **Textos Escolhidos**. Tradução de Modesto Carone et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & Tradição escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARUSO, Carla. **Literatura oral: Histórias atravessam milênios**. 2005. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/literatura-oral-historias-atravessam-milenios.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

CASCUDO, Luis da Camara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1984.

CHRIST, Paulo. **Entre onças e esperanças, a história de uma cidade**. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2008.

DI DOMÊNICO, Silvani Morgenstern. **Iracema-Riqueza, fragmentos de uma história**. Chapecó: Editora Arcus, 2010.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Do oral ao escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraís Outros Tempos. **Outros tempos**, v. 2, p. 156-166, 2005. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/volume02/vol02art12.pdf>>. Acesso em 09 jan. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio, o dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed. revista e atualizada. Curitiba: Editora positivo, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HEWIG, Tutz Culmey; KNORR, Ilga K. **A filha do pioneiro**. Tradução de Ricardo Meyer. São Carlos: Prefeitura Municipal de São Carlos, 1987.

HINO MUNICIPAL DE RIQUEZA. Disponível em: <<http://www.riqueza.sc.gov.br/>>.

JANSSEN, Maria Gertrudes. **Mondaí: Construindo sua História**. São Miguel do Oeste: GBS Editora Gráfica LTDA, 2000.

_____. **Desbravando caminhos:** histórias contadas pelos pioneiros. Mondai, SC: Ed. do autor, 2006.

KERBES, Zenaide Inês Schmitz. **Conhecendo São Carlos.** Chapecó: Editora Unoesc, 2004.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva.** Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/adm/Upload/29116110920121916535P032.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. **Porto Feliz:** a história de uma colonização às margens do Rio Uruguai. 2. ed. Mondai:2004.

PAIM, Elison Antonio. Aspectos da constituição histórica da região oeste de Santa Catarina. **Saeculum**, João Pessoa, v. 1, n. 14, p. 121-138, 2006.

PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas.** 2005. Disponível em: <<http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/content/view/13/36/>>. Acesso em: 01 mai. 2013.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto:** emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PELEN, Jean-Noel. Memória da Literatura Oral, a dinâmica discursiva da Literatura Oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Tradução Maria Theresa Sampaio. Revisão técnica de Yara Aun Houry. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 49-77, jun. 2001.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 59-72, 1996.

REIS, Luzia de Maria. **O que é conto.** Coleção primeiros 135 passos. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PORTO, Zuleica Maria Souza. **Vozes do mar e do sertão:** memória e história na literatura oral cearense e na obra de Natércia Campos. 2013. 270f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Brasília – DF. Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2013.

RIZZI, Dominga De Marchi. **Caibi:** histórias e memórias. Caibi-SC: Prefeitura Municipal de Caibi, 2012.

SCHUH, Marcos Batista. **Histórias da colonização de Palmitos.** Chapecó: CEOM/Unochapecó, 2011.

SOUSA, Mari Guimarães. **O Rio Cachoeira aquém de sua poesia:** imaginário das águas e sustentabilidade ambiental através do turismo litorâneo de Ilhéus –

BA. 2005. 168f. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo - Parceria Uesc/Ufba) – Ilhéus – BA. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2005.

WOLLF, Juçara Nair; SCHUH, Marcos Batista. **Espelho das Águas. Olhares e leituras sobre a história de Águas de Chapecó.** Chapecó: Grifos, 2000.

VANSINA, Jan. **História Geral da África.** v.1. São Paulo: Ática, 1981.

ANEXOS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
 nacionalidade _____, estado civil _____, portador (a) da Cédula de identidade
 RG n°. _____, inscrito (a) no CPF sob n° _____,
 residente à _____, n°. _____, município de
 _____/Santa Catarina – Brasil. Autorizo o uso dos diálogos e relatos
 gravados aqui em minha residência para qualquer fim educativo e cultural que abrangerá este estudo e em
 possíveis estudos mais avançados no futuro, sendo que será preservada minha identidade. Sabendo que
 não terei nenhum gasto para com esta pesquisa e que poderei desistir da mesma a qualquer tempo, sem
 que me caiba nenhuma penalidade. O material recolhido será guardado pela pesquisadora, que se
 responsabiliza no seu descarte quando estes não serão mais úteis e que este prazo tem validade de cinco
 anos (caso a pesquisa não se estenda). O objetivo da pesquisa é de resgatar a memória coletiva cultural
 dos imigrantes residentes nos oito municípios que abrangem o Oeste de Santa Catarina (Águas de
 Chapecó, Cunhataí, Cunha Porã, São Carlos, Palmitos, Caibi, Riqueza e Mondai), analisando-se assim, as
 evidências presentes nas histórias e possíveis elementos mágicos que os contos podem ter, levando em
 consideração, a temática dos relatos. A presente pesquisa será realizada por FABIANE CRYST
 BARBIERO, mestranda do PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras), área de atuação: Literatura
 Comparada, como requisito básico para a realização da qualificação e da Dissertação final. (Fone para
 contato: (49) 9119 – 9969). De seu Orientador Profº Drº Breno Antonio Sponchiado e de sua co-
 orientadora Profª Drª Luana Teixeira Porto. Qualquer dúvida existente, entre em contato com o Comitê de
 Ética em Pesquisa (CEO), pelo telefone (55)3744-9200, Ramal 306, ou pelo e-mail: cep@uri.edu.br, ou,
 ainda, pessoalmente, na Universidade Regional Integrada - URI, localizada na Rua Assis Brasil, nº 709,
 CEP 98.400-000, Frederico Westphalen (no subsolo da Biblioteca Central, no Centro Integrado de
 Pesquisa e Extensão)

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
 nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a
 presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Cidade, ____ de _____ de 2013.

(assinatura)